



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Organizacional

MONAS DA LONA PRETA:
AS MEMÓRIAS DE LGBTs DENTRO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES
SEM TETO
Matheus Gomes Oliveira de Carvalho

Brasília-DF, Junho/2019

Memorial do produto:

MONAS DA LONA PRETA:

A MEMÓRIA DE LGBTs DENTRO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES
SEM TETO

Memorial do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Comunicação Organizacional sob orientação da prof.^a Dr.^a Liziane Soares Guazina.

Brasília-DF, Junho/2019

Professora Dr^a Liziane Guazina (FAC-UnB)

Orientadora

Professora Dr^a Rose May (FAC-UnB)

Examinadora

Doutoranda Kelly Quirino (PPGCOM/FAC-UnB)

Examinadora

Professora Dr^a Janara Kaline Sousa (FAC-UnB)

Suplente

RESUMO

Este memorial tem por objetivo registrar as memórias e narrar a história de LGBTs que lutam por moradia junto ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto, a partir da plataforma online "Monas da Lona Preta" e entendendo suas interseccionalidades, caracterizando seus perfis, identificando as principais dificuldades dessa população e os pontos comuns das suas vivências. O trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa de campo, estudo de caso, pesquisa e revisão bibliográficas, entrevista em profundidade com roteiro de entrevista semiestruturado e observação participante. Ao final, com a criação do site e instagram das Monas da Lona Preta, foi possível observar as singularidades nas vivências dessas LGBTs tendo o ponto em comum: o sonho da casa própria.

Palavras-chave: LGBT, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, Memória, Interseccionalidade

Dedico este trabalho à todas as LGBTQI que lutam e resistem nesta terra tão hostil aos nossos corpos. Dedico também às que já se foram e muito fizeram para que estivéssemos aqui. Reescreveremos a história a partir de nossas vivências e construiremos um novo futuro possível.

Agradecimentos

Agradeço à minha família, meu alicerce da vida, que me apoiou e contribuiu para que eu chegasse onde estou e é todo o meu suporte espiritual nessa jornada.

Ao meu companheiro e namorado, Francisco Bronze, pela sua doçura e suporte nesses tempos. A João Paulo Maciel, aliado das lutas e que ajudou a conceber a parte digital deste trabalho.

Às minhas amigas e amigos da vida que sempre me ajudaram, foram colos nos tempos mais sombrios e compartilharam das minhas alegrias. Em especial Dani Assis, Emília Felix, Naiara Cavalcanti, Lucas Correa, Enio Andrade, Victor Hugo Rodrigues, Larissa Gonçalves, Laianny Gonçalves, Eduardo Bittar, Christiana Ribeiro, Kauê Scarim, Gabriel Martins, Bárbara Malato, Rayanne, Kaio, Guilherme, Scarlet e tantas outras.

Às companheiras e companheiros de luta e militância que me fizeram ver o futuro sem medo e com um olhar mais humano. A Talita, Keka, Ingrid, Chico, Monalisa, Rhaiza, Leonor, PP, Gabi, Mala, Samuel e todas as Insurgentes, pela paciência militante e pelo afeto de sempre.

Ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto pela recepção e por todos os ensinamentos e, principalmente, aquele que diz que só a luta muda à vida. Estou cada dia mais convicto disto. É com o pé no barro e o corpo na luta que venceremos.

A minha orientadora, Liziane Guazina, as professoras Janara Sousa, Rose May, Kelly Quirino, Fabíola Calazans, Elen Geraldés, Fernanda Martinelli, Felipe Polydoro, Dione Moura, Pedro Russi, Denise Moraes, e todas/os professoras/es que foram fortaleza nas épocas de luta dentro da Universidade.

A Universidade de Brasília pela produção acadêmica que pulsa e resiste nos dias de hoje.

À eterna vereadora Marielle Franco, que deixou sementes e cujas ideias jamais poderão ser apagadas. A Jean Wyllys pela sua coragem de defender a vida e seguir denunciando as graves violações aos direitos humanos, mesmo de longe. As Matheusas, Dandarás e Luanas que morreram lutando para que nós

chegássemos até aqui. Por todas vocês, nenhum minuto de silêncio mas toda uma vida de luta dentro e fora da academia.

À você que está lendo este trabalho e que acredita que o fim da opressão depende da luta coletiva.

"Eu não posso me dar ao luxo de lutar contra uma forma de opressão apenas. Não posso me permitir acreditar que ser livre de intolerância é um direito de um grupo particular."

Audre Lorde

SUMÁRIO

1. Introdução	10
1.1 Um breve começo.....	11
1.2 Problema de pesquisa.....	13
1.3 Justificativa.....	14
1.4 Objetivos	15
2. Metodologia	15
2.1 Percurso Metodológico.....	16
2.1.1 Revisão Bibliográfica.....	16
2.1.2 Entrevista em Profundidade.....	17
2.1.3 Observação Participante.....	18
2.1.4 Registro Fotográfico.....	18
2.1.5 Criação de Site e do Instagram.....	19
2.2 O processo criativo.....	19
3. Das Leituras e resultados	21
3.1 Fragmentos da revisão bibliográfica.....	21
3.1.1 LGBTs Sem Medo.....	21
3.1.2 Sem Teto sem temer.....	24
3.1.3 LGBT e Sem Teto: Debates Interseccionais.....	26
3.2 Fotografia como registro da memória.....	28
3.3 Da observação participante.....	29
3.4 Da entrevista em profundidade.....	30
3.5 No site e Instagram, opções estéticas.....	36
4. Considerações finais	37
5. Planejamento do produto	38
Referências	39
Anexos	46
Apêndice	68

1. Introdução

Uma bandeira do movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) com a logo do Movimentos dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) estava presa na estrutura de madeira da lona central da ocupação Povo Sem Medo de São Bernardo do Campo, São Paulo. A maior ocupação do movimento, naquele momento, pulsava no ABC paulista no início de novembro de 2017.

Falar de déficit habitacional, ou seja a quantidade de cidadãos sem moradia adequada, perpassa a luta das pessoas LGBT. A discriminação desse grupo, no Brasil, chega às últimas consequências quando observamos os dados do Grupo Gay da Bahia (GGB) que registrou um aumento de 30% nos homicídios de LGBTs em 2017 em relação ao ano anterior, passando de 343 para 445 homicídios no país. Os dados de 2018 não ficaram muito atrás, tendo queda de apenas 6% em relação à 2017. (ANEXO 1)

Quando falamos de discriminação, além de homicídios e violência física, também precisamos pensar a negação do direito à moradia. Os dados de LGBTs sem teto são preocupantes: segundo o doutor em Psicologia Social e coordenador do Departamento de Ciências Humanas e Educação na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Marcos Roberto Vieira Garcia, em matéria produzida pela Carta Capital, “De 20 a 30% dos jovens em situação de rua no mundo são LGBT”. Logo, pensar o direito à moradia e os direitos LGBTs de modo interseccional é fundamental. (ANEXO 2)

Os dados do Censo 2010 divulgados pelo Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que o número de domicílios vagos no Brasil é maior que o déficit habitacional brasileiro. Segundo o censo, existem mais de 6,07 milhões de domicílios vagos no país, sem contar as moradias chamadas de ocupação ocasional, como casas de veraneio ou cujos moradores estavam ausentes durante a pesquisa, por exemplo. O censo não faz distinção de pessoas LGBTs, mas podemos imaginar que os números de sem-teto nessa parcela da população sejam expressivos.

Dados mais atualizados do estudo “Déficit Habitacional no Brasil 2015” da Fundação João Pinheiro que tem como base a Pesquisa Nacional por Amostra de

Domicílios (PNAD), do IBGE, mostra que o número de imóveis vagos é maior do que o déficit habitacional no país. (IBGE, 2015)

Nesse contexto de déficit habitacional, há 21 anos surgia o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), um movimento social que segundo Simões, Campos e Rafael (2017) no livro “MTST 20 anos de história: Luta, organização e esperança nas periferias do Brasil”, tem origem no destaque de militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que decidiram “construir um movimento social urbano a partir da luta por moradia” (p. 25), no final da década de 1990.

Após a visita que fiz a ocupação em São Bernardo do Campo(SP), em novembro de 2017, o encontro com a Antônia¹, uma das ocupantes, motivou este projeto. Mulher transsexual, ela estava em um dos Gs² e nos deu entrevista para um vídeo que posteriormente seria produzido pela equipe de comunicação do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). De fala simples e ativa, ela nos relatou o dia a dia da ocupação e a luta por moradia naquele período. Aquele foi o começo do que viria a ser esta produção acadêmica.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso é narrar a história de LGBTs que constroem a luta por moradia no MTST, em São Paulo, na plataforma online "Monas da Lona Preta", resgatando sua memória e analisando o que é ser LGBT em diferentes contextos, compreendendo a pluralidade da sigla LGBT, a fim de entender como suas vivências perpassam, também, sua condição social, de classe e raça.

1.1. Um breve começo

Quando fui aprovado na Universidade de Brasília para o curso de Comunicação Organizacional, tinha poucas certezas do que a graduação me reservava. Tinha apenas a convicção de querer contribuir com a luta das LGBTs, para além da militância dos coletivos, também de modo acadêmico. Queria auxiliar

¹ O nome Antônia é fictício e foi modificado por questões de segurança da ocupante do movimento.

² Gs é a forma do movimento se organizar em núcleos menores, como se fossem vilas. Como o terreno em questão tinha 70 m², a ocupação funcionava melhor com essa divisão interna.

na luta de pessoas, que como eu, não se sentiam representados pela estrutura heterocisnormativa.

As experiências vividas dentro e fora da Universidade nestes quatro anos e meio permitiram perceber o mundo ao meu redor de maneira intensa e enraizada nos movimentos sociais. As disciplinas de Ética, Legislação e Responsabilidade Social, no primeiro semestre e Políticas de Comunicação, Sociedade e Cidadania, no terceiro, abriram minha mente para uma visão mais justa e resistente da realidade e da formação de um comunicador.

A disciplina de Instrumento da Comunicação Organizacional me mostrou que a comunicação tem o poder de transformação que até então eu questionava. Nesse mesmo período, as ocupações que aconteceram em diversas faculdades da Universidade de Brasília, em 2016 e que se somou a um movimento de ocupações em Institutos de Educação Superior (IES) e em escolas do Brasil contra, dentre outras coisas, a então PEC 55 (hoje Emenda Constitucional 95) que congelou em 20 anos os investimentos em educação e saúde, despertou o sentimento de mudança que faltava para que eu encontrasse, na intersecção academia e vida política, uma combinação potente de transformação social que extrapolasse os muros da universidade. No Instituto de Ciência Política, a disciplina Gênero e Política, me auxiliou a articular as pautas de maneira interseccional, entendendo que gênero, raça, classe e orientação sexual são alvo de opressões estruturantes da nossa sociedade.

Já no final da graduação, o contato com coletivo de juventude e movimentos sociais, gerou a aproximação com o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), do qual participei da cobertura de ocupações e atos, sempre entendendo que a luta LGBT também passava pelo direito à moradia e razão pela qual me motivou a produzir o presente trabalho.

Nessa caminhada, companheiras e companheiros de vida e de luta somaram e ajudaram a realizar esse projeto, que é colaborativo. O contato com o coletivo *LGBTs Sem Medo* em São Paulo, de LGBTs do MTST, só foi possível graças a uma rede articulada de militantes organizados, e que teve o internacionalista e companheiro de coletivo Augusto Malaman como principal interlocutor. Para a realização deste produto, duas pessoas foram cruciais. João Paulo Maciel,

companheiro de curso e de UnB, ajudou a pensar o site e o meu companheiro e namorado, Francisco Bronze, designer formado na UnB, me deu todo o suporte para a criação da identidade visual do "Monas da Lona Preta".

1.2. Problema de pesquisa

Devido a aproximação com os movimentos sociais e após realizar um Projeto de Iniciação Científica com a professora Dr^a Liziane Guazina e outras duas colegas, Danielle Assis e Louise Campos, sobre a memória das ocupações na Universidade de Brasília (UnB) no ano de 2016, decidi narrar a história de LGBTs, resgatando as memórias delas, mas ainda não sabia qual o produto e nem o recorte que usaria para tal.

Foi conhecendo a história de Antônia, que citei anteriormente, que tive a certeza que produziria algo sobre LGBTs que lutam por moradia, junto ao MTST.

Mas como faria este produto e qual seria seu formato? Essa pergunta permaneceu no ar por um longo período. No ano de 2018, após coordenar a comunicação de campanhas eleitorais e me qualificar na fotografia, compreendi a parte que faltava para começar este produto.

Para o trabalho de conclusão de curso, foquei em fotografar LGBTs do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), realizando o recorte direcionado a cidade de São Paulo, local onde o coletivo *LGBTs Sem Medo*, impulsionado pelo movimento, existe com fôlego e conta com militantes que atuam nos debates sobre o tema dentro do MTST e agregam lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais que os procuram.

Além da fotografia, o modo de exposição desse material foi um dos impasses deste trabalho. Como expor pessoas e vivências tão marginalizadas, do ponto de vista político e social, sem colocar sua segurança em risco e, ao mesmo tempo, dando visibilidade e permitindo que mais LGBTs contem suas histórias? Por isso, optei por publicar essas histórias tão diversas em um site e no *Instagram*, sem revelar o nome da ocupação em que as pessoas entrevistadas falavam e citando apenas o primeiro nome delas, o que permitiu trabalhar a visibilidade e construção

de memórias LGBTs sem teto sem colocar em risco a segurança e proteção dessa comunidade.

1.3. Justificativa

Historicamente, ser LGBT no Brasil e em diversas partes do mundo é um ato político. Os dados de assassinatos e agressões a LGBTs, no Brasil, são alarmantes. O Grupo Gay da Bahia (GGB), que há 38 anos coleta estatísticas sobre assassinatos de LGBTs no Brasil, produz um relatório anual com o registro de mortes violentas desse grupo social. Segundo o relatório de 2018, 420 LGBTs foram assassinados ou cometeram suicídio em decorrência da discriminação sexual e de identidade de gênero, sendo São Paulo o líder no ranking, com 58 mortes. (ANEXO 1)

Esse número foi maior em 2017, registrando 445 mortes por LGBTfobia³, o recorde desde o ano 2000. (ANEXO 1). Dados da Organização Não Governamental (ONG) Transgender Europe (TGEU) evidencia que entre 2008 e 2016, 868 travestis e transexuais foram assassinadas no Brasil, o que coloca o país no topo do ranking mundial de assassinatos de pessoas trans, em números absolutos. (ANEXO 3)

Os números preocupantes refletem uma sociedade moralmente preconceituosa e faz crescer a urgência em se produzir trabalhos, pesquisas e políticas públicas para essa população. Para além de capas de jornais com estatísticas sobre LGBTs, é necessário visibilizar, dar voz e vez à essa comunidade com o objetivo de abrir diálogos e desmitificar vivências.

Considerando o objetivo deste trabalho, a escolha do recorte ao MTST se deu a partir de uma proximidade e confiança e por entender que o movimento aglutina cerca de 55 mil famílias em 14 estados, segundo reportagem do Sul21 com Guilherme Boulos, coordenador geral do MTST (ANEXO 4). Por tanto, replicar e difundir a narrativa dessas LGBTs sem-teto, tanto para a própria comunidade quanto para o conjunto da população em geral, abre caminhos para a tolerância, o

³ LGBTfobia é o sentimento, a convicção ou a atitude dirigida contra lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans e travestis que inferioriza, hostiliza, discrimina ou violenta esses grupos em razão de sua sexualidade e/ou identidade de gênero. É o termo utilizado para reunir vários tipos mais específicos de discriminação e violência contra pessoas LGBT (sigla usada para se referir a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis). Deste modo, a LGBTfobia compreende a lesbofobia, a homofobia, a bifobia, e a transfobia. (RAMOS; NICOLI; BRENER, 2016, p. 183)

diálogo e o respeito, além de dar visibilidade a esta população e de contribuir com a pesquisa e registro sobre LGBTs dentro de movimentos sociais no Brasil, principalmente de LGBTs sem-teto.

Portanto, a preservação das memórias através dos relatos e das imagens dessa comunidade nos ajudará a recordar a História, para que possamos, a partir dela, construir um novo futuro. Como afirma Paul Ricoeur em “Memory, history, oblivion” (2003) o dever da memória é, muitas vezes, “uma reivindicação, de uma história criminosa, feita pelas vítimas”. Assim reivindicando essa história que, para muitos é criminosa, e contando ela do ponto de vista de quem mais é afetado.

1.4. Objetivos

Objetivo Geral

Registrar as memórias e narrar as histórias de LGBTs que lutam por moradia, a partir da ótica de quem vive embaixo da “lona preta”.

Objetivos Específicos

- Caracterizar perfil da população LGBT que vive nas ocupações do MTST;
- Identificar pontos comuns da vivência dessa população a partir dos relatos.
- Identificar as principais dificuldades da população LGBT que mora ou já morou debaixo da lona preta;
- Criar uma plataforma online, com site e *Instagram*, para narrar essas histórias de LGBTs do MTST.

2. Metodologia

Para esta pesquisa, utilizou-se de abordagem qualitativa, por se preocupar com o aprofundamento da compreensão de um grupo social e não com uma representatividade numérica (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A pesquisa de campo que, segundo Andrade (2001) e Gil (2008), é aquela em que delimita-se o campo e se realiza a coleta dos registros de interesse de forma ordenada foi utilizada neste trabalho.

O campo delimitado foram as LGBTs do MTST da cidade de São Paulo, uma vez que lá o coletivo *LGBTs Sem Medo* é estruturado e tem reuniões frequentes nas diversas ocupações da cidade.

Após o recorte, foram coletados os registros em duas ocupações nas periferias de São Paulo, que não serão identificadas, mantendo assim o sigilo para garantia da segurança das pessoas entrevistadas.

Os registros foram coletados por meio de entrevista semiestruturada contendo 13 questões divididas em 3 blocos: 1) Pessoal (contendo dados pessoais), 2) Sobre ser LGBTs e 3) Relação com o movimento.

Por este estudo ter sido realizado em uma unidade social específica, é também considerado como estudo de caso. São variadas as definições para o estudo de caso, sendo uma delas definida como um método de olhar para a realidade social considerando qualquer unidade social, como uma pessoa, grupo social, processos, entre outros. (DUARTE, M. in DUARTE; BARROS, 2005). Ainda segundo a autora:

"O estudo de caso deve ter preferência quando se pretende examinar eventos contemporâneos, em situações onde não se podem manipular comportamentos relevantes e é possível empregar duas fontes de evidências, em geral não utilizadas pelo historiador, que são a observação direta e série sistemática de entrevistas" (DUARTE, M, in DUARTE; BARROS, 2005, p.219)

Sendo assim, o percurso metodológico do nosso trabalho se deu por meio de cinco procedimentos: revisão bibliográfica, entrevista em profundidade, observação participante, registro fotográfico e a criação de um site e *Instagram* conforme disposto abaixo.

2.1 Percurso Metodológico

2.1.1 Revisão bibliográfica

Tem o objetivo de identificar os conceitos que permeiam a produção do trabalho, expondo, de modo resumido, as principais ideias já discutidas por outros autores que trataram do problema. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Sobre essa pesquisa bibliográfica, Stumpf (2005) afirma que, num sentido amplo:

"o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões." (STUMPF, in DUARTE; BARROS, 2005, p.51.)

Desse modo, segundo a autora, acompanhando o trabalho acadêmico da concepção até a sua conclusão. (STUMPF, in DUARTE; BARROS, 2005).

2.1.2 Entrevista em Profundidade

Em consonância com o objetivo deste trabalho, a técnica de entrevista em profundidade se mostrou a mais adequada. Segundo Duarte (2005), a entrevista de profundidade é uma técnica de pesquisa qualitativa que "explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada." (DUARTE, in DUARTE; BARROS, 2005, p. 62).

Sobre as qualidades da técnica, o autor ainda destaca a sua flexibilidade de permitir ao entrevistador ajustar as perguntas livremente, procurando intensidade nas respostas, sem representação estatística. Ainda sobre a técnica, Duarte (2005) fala:

"Busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer." (DUARTE, in DUARTE; BARROS, 2005, p. 62)

Sendo assim, útil para a "apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado" (DUARTE, in DUARTE; BARROS, 2005, p. 64).

O roteiro escolhido para essa entrevista em profundidade foi de caráter semiestruturado, que de acordo com Triviños (2013), parte de questionamentos básicos, estes baseados por teorias e hipóteses, que interessam ao estudo. O roteiro da entrevista semiestruturada (APÊNDICE A) foi composto por perguntas abertas e fechadas com o objetivo de coletar os registros. Esse tipo de entrevista

permite que o entrevistado fale de maneira livre sobre assuntos que vão surgindo a partir de desdobramentos das perguntas. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

2.1.3 Observação Participante

Atuando de modo complementar, a técnica de observação participante foi necessária para retratar o dia-a-dia das entrevistadas e dos entrevistados, como ocupações, tarefas do movimento e o cotidiano dessas pessoas. A reunião do coletivo LGBT, a qual fui convidado a participar, bem como as conversas pré e pós reunião, também foram fruto desta observação participante.

De acordo com Peruzzo (2011):

“O pesquisador se insere no grupo pesquisado, participando de todas as suas atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação.” (PERUZZO, in DUARTE; BARROS, 2010, p.134.)

Segundo Gerhardt e Silveira (2009) a observação participante permite:

“captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas. Os fenômenos são observados diretamente na própria realidade. A observação participante apreende o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 75)

Desta forma, contribuindo para a captação de momentos únicos e reservados dos(as) entrevistados(as). Abordarei a importância da observação participante na terceira parte deste trabalho.

2.1.4 Registro Fotográfico

O uso da fotografia foi uma forma de registrar por meio da imagem os LGBTs do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST). Nossa opção foi a cidade de São Paulo, local onde o coletivo *LGBTs Sem Medo*, existe com fôlego e conta com militantes que atuam nos debates sobre o tema dentro do MTST. Para isso, o termo de consentimento de imagem e som (APÊNDICE B) foi apresentado às pessoas entrevistadas antes da realização da entrevista e registro fotográfico.

2.1.5 Criação de Site e do Instagram

Para a criação do produto, o site e o Instagram foram escolhidos. Com a finalidade de alcançar mais pessoas, a opção metodológica tem como finalidade expor essas histórias e memórias para além das pessoas que moram em Brasília, podendo chegar a outros Estados e Regiões. Além disso, o site cumpre uma função de compilar as histórias das cinco pessoas entrevistadas de maneira mais extensa e o *Instagram* como uma rede social para chegar aos diversos públicos, de forma mais instantânea e com textos mais curtos.

2.2 O processo criativo

Com a finalidade de, além de registrar as memórias de LGBTs, visibilizar e também alcançar um número maior de pessoas, a plataforma de publicação deste trabalho será a internet, utilizando site e a rede social *Instagram*.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, 181.070 mil pessoas de 10 anos ou mais de idade do País, utilizaram a internet, o equivalente a 69,8% da população nessa faixa etária. Ainda sobre estes dados, os números mostram que a internet utilizada nos domicílios permanentes subiu para 74,9% em 2017, contra 69,3% no ano anterior. (ANEXO 5)

O portal Techtudo divulgou, no início deste ano, um estudo produzido pela agência *We Are Social* em parceria com a plataforma de mídia *Hootsuite*, afirmando que o Brasil tem 140 milhões de usuários ativos em redes sociais, o correspondente a 66% da população. No ranking das cinco redes sociais mais acessadas pelos brasileiros está o *Instagram*, escolhido para receber este trabalho. (ANEXO 6)

Neste sentido e entendendo a estratégia de colocar essas histórias na internet, dois projetos foram utilizados como base para a plataforma "Monas da Lona Preta", bem como uma reportagem dos Jornalistas Livres auxiliou na escolha do recorte. O primeiro deles foi o SP Invisível, um projeto brasileiro de conscientização através de histórias de pessoas em situação de rua da cidade de São Paulo. Iniciado em 2014, o projeto-movimento conta a história de pessoas

marginalizadas através de fotos e textos nas redes sociais e atualmente mobiliza diversos voluntários em ações pontuais como a Páscoa Invisível, doando ovos de páscoa para pessoas em situação de rua. Segundo o site do projeto, mesmo contando as histórias dessas pessoas consideradas invisíveis na cidade, os idealizadores do projeto André Soler e Vinicius Lima começaram a fazer ações para mobilizar voluntários com a finalidade de "ajudarem as pessoas em situação de rua e criarmos ambientes para ajudarmos os invisíveis da cidade". (SP invisível, 2019)

"O SP Invisível quer abrir os olhos das pessoas para que todos possam se ver com olhares mais humanos e assim se interajam e conectarem, cada vez mais, até que toda cidade se enxergue com os olhos do coração" (SP invisível, 2019) é a missão do projeto, segundo informações do site. (ANEXO 7)

O projeto conta, ainda, com contas nas redes sociais como *Instagram* (ANEXO 8), *Twitter*, *Facebook*, e mais recentemente lançou um podcast chamado SP Cast, que tem como finalidade entrevistar pessoas que vivem e trabalham nas ruas de São Paulo, entendendo as complexidades desse espaço e abordando o problema da invisibilidade social. (SP invisível, 2019).

O segundo projeto foi o *Humans Of New York (HONY)*, que começou em 2010 e tinha como objetivo criar um catálogo com história de 10 mil nova-iorquinos pelas ruas da cidade (ANEXO 9). Com mais de 9 milhões de seguidores no *Instagram* (ANEXO 10), o projeto norte-americano lançou dois livros e visitou mais de 20 países, como Irã, Paquistão, Índia e Quênia, entre outros. (Humans Of New York, 2019). Além do site, o *HONY* está presente nas redes sociais *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*, que conta com mais de 18 milhões de curtidas em sua página.

O criador do projeto nova-iorquino, Brandon Stanton, frequentemente participa de projetos sociais para levantar fundos para atingidos por desastres naturais e doenças como o câncer. Segundo a reportagem do *New York Post* de 2016, Brandon levantou, em três dias, mais de 350 mil dólares para uma pesquisa de câncer pediátrico. (ANEXO 11)

A reportagem que também auxiliou na construção deste projeto foi da repórter Michelli Oliveira para os Jornalistas Livre, plataforma que surgiu em março de 2015 se intitulando um jornalismo democrático, plural, em rede, pela diversidade

e defesa implacável dos direitos humanos. Na reportagem em questão, a jornalista aborda o surgimento de uma ocupação do MTST na qual havia um grupo de pessoas LGBT que ela entrevistou. "Diversidade presente nas ocupações" conta a história de LGBTs em uma ocupação em Mauá, São Paulo, em 2015⁴. Na matéria assuntos como o preconceito, aceitação e a relação com o movimento são abordados. A repórter cita que nesta ocupação de Mauá existem cerca de 15 LGBTs assumidos. Raquilane Rios, cabeleireira de 27 anos, entrevistada afirma que "O movimento abre um leque muito grande de oportunidade de sermos gente". Sobre o MTST, Raquilane conclui: "Nós chegamos eles nos dão nosso espaço, dizem para montarmos o nosso barraco, nos dão um apoio legal, nos ajudam, nos incentivam a ser gente, a entrar na sociedade". Essas duas frases da reportagem instigaram a pesquisa sobre esse tema e, aliado a ela, os dois projetos anteriormente citados basearam a criação da plataforma "Monas da Lona Preta", narrando a vida das pessoas LGBTs sem-teto que tem muita História para contar. (ANEXO 12)

3. Das Leituras e resultados

3.1 Fragmentos da revisão bibliográfica

3.1.1 LGBT sem temer

Embora quase apagada da história brasileira, a prática sexual e afetiva entre pessoas do mesmo sexo é relatada em diversos escritos de colonizadores europeus, que viam práticas dos povos originários e faziam seus relatos. Na quarta edição do livro "Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade" de João Silvério Trevisan (2018), no capítulo intitulado "Pareço estar em Sodoma, e pior ainda..." o autor traz relatos de historiadores, escrivães e padres sobre os costumes de indígenas brasileiros, que segundo eles, desviavam do padrão e praticavam atos considerados libidinosos na concepção cristã colonizadora.

⁴ "Diversidade presente nas ocupações" - Jornalistas Livres. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/diversidade-presente-nas-ocupacoes/>>.

Partindo do Brasil Colônia, passando pelo Império e chegando ao período da República, muitos homossexuais, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais tiveram suas histórias apagadas, queimadas e censuradas sob o jugo da moral cristã-ocidental.

Décadas mais tarde, com o boom da descoberta do HIV, na década de 80, os empresários morais, segundo Trevisan (2018), difundiram a aids como *peste guei*, colocando a opinião pública em rota de colisão com as sexualidades desviantes do padrão heterocisnormativo. Era a perseguição moral-científica a homossexualidade, que usada como bode expiatório, foi colocada no hall dos devassos do Brasil.

Rememorando o Lampião da Esquina, jornal homossexual que teve circulação no final da década de 70 até o início da década de 80, a história desses supostos devassos do Brasil é longa e precisa ser eternizada. Ainda segundo Trevisan (2018), "Na década de 1990, começou a preponderar a ideia da visibilidade, ou seja, a vantagem política de se mostrar socialmente assumido, quer dizer, dentro de uma definição clara de homossexual." (TREVISAN, 2018, p.35)

Já neste século, se começa a pensar uma narrativa não só de visibilidade homossexual, mas também de pessoas transexuais e transgêneras e apesar da ascensão de discursos anti-LGBTs por parte de representantes políticos e da sociedade civil e do alto índice de homicídios contra membros desta comunidade, alguns direitos foram conquistados. Em 2011, a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) pela liberação da união estável homoafetiva e posteriormente a decisão do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que em 2013, passou a permitir que cartórios de todo o Brasil celebrassem o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo⁵. Em 2016, após decreto da então presidenta da república, Dilma Rousseff, nº 8727⁶, que "Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional." demos um passo no reconhecimento de

⁵ Resolução nº. 175, de 14 de maio de 2013. Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo. Conselho Nacional de Justiça. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/images/resol_gp_175_2013.pdf>.

⁶ Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm>.

peças trans e travestis. Já no ano de 2018, foi aprovada uma resolução que autoriza o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares da educação básica⁷, além do reconhecimento do nome social no título de eleitor e no caderno de votação das eleições no país, segundo matéria da jornalista Andreia Verdélio, da Agência Brasil de 2018. (ANEXO 13)

Porém, questões centrais ainda precisam ser enfrentadas com a devida importância para que, enfim, a comunidade LGBT seja amplamente atendida e tenha todos os seus direitos respeitados como a inclusão da diversidade nos debates na educação básica, direito à moradia e penas alternativas nos casos de LGBTfobia no Brasil.

Por isso, dando um passo anterior ao de narrar as histórias de LGBTs sem-teto e discutir o acesso à moradia dessas pessoas, é necessário entender essa parcela social e política como um segmento diverso. Segundo Belisário (2017) no artigo "LGBTs e o Direito à Moradia", afirma:

“Existem LGBTs ricas e pobres. As LGBTs podem ser brancas, negras, indígenas. A própria sigla – LGBT – tem, em cada letra, diferenciações entre mulheres lésbicas e homens gays, entre cis e transexualidade. Evidentemente, o acesso à cidade e à moradia se dá de diferentes maneiras em meio a tanta diversidade. As LGBTs que moram em Higienópolis têm acessos diferentes a direitos das que moram em Capão Redondo.” (BELISÁRIO, 2017, p. 61)

Segundo o relatório de 2017 do Grupo Gay da Bahia (GGB) intitulado "Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil", 37% das mortes de LGBTs ocorreram dentro da própria residência, 56% em vias públicas e 6% em estabelecimentos privados. (ANEXO 14). Segundo o relatório do mesmo grupo, em 2018, houve aumento no número de óbitos dentro da própria residência, chegando a 42,8% dos casos. (ANEXO 15). Outro dado para entender a situação de LGBTs que deixam ou são expulsos de seus lares é o da pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) à Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da Prefeitura de São Paulo que estima que 5,3% e 8,9% da população em situação de rua pertençam à comunidade LGBT, na cidade de São Paulo. Ou seja, a

⁷ Portaria nº 33, de 18 de janeiro de 2018. Dispõe sobre a normatização nacional sobre o uso do nome social na educação básica. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Seção 1, Pág. 10. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=72921-pcp014-17-pdf&category_slug=setembro-2017-pdf&Itemid=30192>

questão da moradia e aceitação da família e vizinhos ainda está presente nas violências que LGBTs sofrem diariamente. (FIPE, 2015) (ANEXO 16)

Vale ressaltar o descaso do Estado brasileiro com os dados de violências desse segmento, uma vez que o levantamento do GGB é feito com base em notícias publicadas na imprensa, na internet e informações pessoais compartilhada com o grupo. O governo não auxilia nem na coleta desses dados nem no combate a LGBTfobia.

Localizar dados estatísticos que apontam a violência que lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais sofrem no Brasil, entendendo a pluralidade da sigla LGBT e relacionando essas violências as relações de moradia que envolvem desde familiares, até inquilinos, vizinhos e conhecidos, é central para este trabalho.

3.1.2 Sem Teto sem temer

Tão importante quanto contextualizar a sigla LGBT e toda sua pluralidade de expressões, é entender o que é o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) relatando um breve histórico do movimento até os dias atuais.

Porém, antes de iniciar esse processo, é imperioso entender que mais que uma identidade compartilhada pela ausência de moradia e luta por ela, segundo o pesquisador Gustavo Belisário (2018), que tem como objeto de pesquisa a luta de LGBTs por moradia: "devemos entender os sem-teto como uma categoria histórica e socialmente produzida na interlocução com o Estado." (BELISÁRIO, 2018, no prelo) E para além dessa categoria, o modo como cada coletivo se organiza se dá de maneiras ora distintas e ora semelhantes. Além do MTST, outros coletivos fazem frente ao déficit habitacional que assola nosso país. São exemplos desses coletivos e movimentos a Unificação da Luta por Cortiços (ULC), o Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), dentre tantos outros.

O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto surgiu de uma necessidade ocasionada pelo déficit habitacional brasileiro. Após a passagem de um Brasil rural para um Brasil predominantemente urbano, na década de 1970, um cenário de avanço do neoliberalismo em 1990 atingiu o país, segundo Simões, Campos e Rafael (2017). O desemprego chegou a atingir 15% da população das regiões metropolitanas segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos

Socioeconômicos (DIEESE) em 1996, e o déficit habitacional, ou seja, pessoas sem acesso a moradia digna, era uma realidade de muitas famílias brasileiras. Neste mesmo ano, segundo dados do IBGE, esse déficit era de aproximadamente 5 milhões de famílias, segundo os autores. (SIMÕES; CAMPOS; RAFAEL, 2017).

Segundo dados da Fundação João Pinheiro, referência importante nos estudos demográficos, no documento Déficit Habitacional no Brasil 2015, naquele ano a estimativa do déficit habitacional era de 6,355 milhões de domicílios, dos quais 87,7% estão localizados nas áreas urbanas, o que corresponde a 5,572 milhões e nas áreas rurais o número é de 783 mil unidades, sendo 39% desse total na região Sudeste do Brasil. A pesquisa ainda aponta a contradição no número de imóveis vagos no país e o número de pessoas sem casa. O estudo ainda afirma que "De acordo com a Pnad 2015, o Brasil possui 7,906 milhões de imóveis vagos, 80,3% dos quais localizados em áreas urbanas e 19,7% em áreas rurais. Desse total, 6,893 milhões estão em condições de serem ocupados".

Nessa perspectiva e pela ausência de uma, as maiorias sociais, que são minorias de direitos no Brasil, foram colocadas às margens, uma vez que o direito à uma moradia digna é negada a uma parcela significativa da população, mesmo existindo mais imóveis sem moradores do que pessoas sem imóvel. Com isso, obrigando essa parcela expressiva da população a viver de aluguel que, muitas vezes, não cabem em seus orçamentos, morar de favor na casa de parentes, procurar moradia em locais com precárias condições e até mesmo buscar abrigo embaixo de pontes e viadutos nos grandes centros urbanos.

Foi então que o MTST se apoiou na tática de ocupação que segundo Boyd e Mitchell (2013) é "uma tática popular usada pelos movimentos sociais para tomar e defender espaços" (BOYD; MITCHELL, 2013), em sua maioria em terrenos sem-função social e ociosos, nas quais os donos têm grandes dívidas com o Estado e estão vazios. Segundo Simões, Campos e Rafael (2017) no livro "MTST 20 anos de história: Luta, organização e esperança nas periferias do Brasil", que conta a história do movimento, "O inchaço das periferias e a consequente precarização da vida urbana para os mais pobres é resultado da desagregação da vida no campo e da ausência de alternativas para as maiorias" (SIMÕES; CAMPOS; RAFAEL, 2017, p. 22). Assim, os autores sintetizam que o problema de déficit habitacional nas

idades "tem relação direta com a história da questão agrária, e é com ela que a existência do MTST tem relação direta" (SIMÕES; CAMPOS; RAFAEL, 2017, p. 22).

3.1.3 LGBT e Sem Teto: Debates Interseccionais

Para compreender a luta por direitos LGBTs e a luta por moradia, se faz necessário entender o conceito de interseccionalidade que permeia este trabalho. Segundo Biroli e Miguel (2015) o termo, em grande parte da literatura, tende a "condensar a presença de formas múltiplas e articuladas de opressão" (BIROLI; MIGUEL, 2015, p.44) . Segundo Akotirene (2019) "a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado". (AKOTIRENE, 2019, p.19). Sobre o termo, Akotirene (2019) vai ao encontro da reflexão epistemológica da feminista negra estadunidense Patricia Hill Collins ao considerar a interseccionalidade como um sistema de opressão interligado. Logo raça, gênero, classe, nacionalidade, entre outros fatores que são alvos de opressão, devem ser analisados de modo a não haver hierarquias de opressão nos indivíduos que acumulam mais de uma forma de opressão sobre seus corpos. Akotirene (2019) ainda afirma que "é da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade."(AKOTIRENE, 2019, p.24), fazendo referência ao feminismo negro, do qual o conceito surge. Ainda sobre este conceito, Bilge (2009⁸, p. 70 *apud* HITARA, 2014, p. 62-63) afirma:

"A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (Bilge, 2009, p. 70)

Dessa forma, a vivência dessas LGBTs sem teto se dá de modo interseccional, uma vez que a orientação sexual e/ou identidade de gênero se dá em um contexto socioeconômico e cultural diverso. Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais das periferias do Brasil tem vivências distintas, apesar de

⁸ BILGE, Sirma. "Théorisations féministes de l'intersectionnalité". 2009. Diogène, 1 (225): 70-88 *apud* HITARA, 2014, p. 62-63).

sofrerem opressões de mesma natureza. LGBTs que vivem no Norte e Nordeste do Brasil passam por situações diferentes de pessoas LGBT que moram no Sul do país. Assim como LGBTs negras e negros experienciam situações diferentes de LGBTs brancos, acumulando ainda a violência racista em suas vivências. Bento (2017) afirma que "gênero e sexualidade são categorias analíticas potentes quando não estão isoladas e não são utilizadas como variáveis independentes de contextos econômicos, raciais, nacionais (e outros marcadores da diferença) mais amplos." (BENTO, 2017, p. 24), acumulando para o debate interseccional de que ser lésbica, gay, bissexual, travesti e transexual perpassam, ainda, por questões de classe, raça, nacionalidade e outros marcadores sociais alvos de opressões.

Um ponto de contato, mesmo que em diferentes proporções, segundo Belisário (2017) "a violência intradomiciliar vinda de familiares atravessa a população LGBT em sua diversidade de raças, classes e gêneros" (BELISÁRIO, 2017, p. 61), e os dados do GGB, que evidenciam a expressiva parcela de mortes dessa população que ocorrem dentro da própria residência, em 2018, explicita ainda mais esse fato. Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais, quando não têm suas vidas ceifadas, podem sofrer espancamentos, estupros corretivos e expulsões da residência de amigos e familiares.

Ainda segundo Belisário (2017), "Como efeito dessa violência na família, é comum em muitas trajetórias de LGBTs o abandono da casa e da família de origem ou mesmo a expulsão de casa", (BELISÁRIO, 2017, p. 61), evidenciando a precarização das trajetórias marginalizadas desse segmento social. Classe, raça, sexualidade e gênero não podem ser vistas isoladamente. Elas se conectam e evidenciam a profundidade das opressões na nossa sociedade.

O preconceito de moradia, que Belisário (2017) aborda, é um termo central para entender o acesso, ou o não acesso, à moradia por LGBTs. O termo é entendido como "uma dificuldade para morar devido a uma violência agenciada por atores dessa rede de relações produzidas na e pela casa. Uma violência que poderia ser gerada por vizinhos, por cafetinas, pela família de origem, pelo locatário, por quem cede um quarto "de favor.""

É nesse termo que este trabalho se baseia para contar as histórias de LGBTs que precisaram, de alguma forma, lutar pelo direito à moradia junto ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

3.2 Fotografia como registro da memória

Para registrar a memória dessas LGBTs localizadas no MTST, foi utilizado o recurso fotográfico a fim de contar histórias e eternizá-las no tempo. Segundo Dubois (1993), no livro "O ato fotográfico e outros ensaios":

Se a memória é uma atividade psíquica que encontra na fotografia seu equivalente tecnológico moderno, é evidentemente, no outro sentido, que a metáfora nos interessa, como uma inversão positivo/negativo: a fotografia é tanto um fenômeno psíquico quanto uma atividade ótico-química. A fotografia: uma máquina de memória[...] (DUBOIS, 1993, p. 316)

Considerando a fotografia como essa máquina de memória, Mauad (2008), afirma que "a experiência fotográfica do novecentos redefiniu as formas de acesso aos acontecimentos históricos e sua inscrição na memória social (ou não), a ponto de podermos contar a história do século XX através de suas imagens" (MAUAD, 2008, p. 36). Desse modo, as fotografias se tornam o que a autora chama de "substrato material das memórias contemporâneas" (MAUAD, 2008, p. 39)

Entendendo a fotografia e a imagem proveniente dela como produção de memória dos movimentos sociais e estratégia de visibilidade, Claudino (2012) afirma que as imagens são construídas como estratégias políticas e "tais imagens se constituíram como uma forma privilegiada de intervenção política na cena contemporânea. Um modo particular de ação social que desloca o espaço do embate político para a dimensão das imagens." (CLAUDINO, 2012, p.15). Ainda sobre os objetivos do uso das imagens, Claudino (2012) afirma que:

"Com elas, os movimentos se tornam visíveis no plano político; definem os tensionamentos que dão o contorno dos conflitos sociais; estabelecem suas estratégias de busca pela legitimidade de seus projetos; encontram as possibilidades de expressão de seus conteúdos políticos, bens culturais e marcas identitárias." (Claudino, 2012, p. 16).

Ao também utilizar a imagem de LGBTs sem teto para contar suas próprias histórias e vivências, esta imagem fotográfica, com o auxílio do texto que a

complementa, evidencia o momento histórico no qual se está falando, que é um contexto de preconceito contra esses corpos marginalizados.

"Na análise da imagem fotográfica a qualidade técnica e estética, um dado a ser observado a partir dos elementos discutidos anteriormente, pode também revelar informações importantes sobre seu contexto de produção e ainda sobre sua importância ou significação em determinado momento histórico. (COUTINHO in DUARTE; BARROS, 2005, p. 340)

Deste mesmo modo, o recurso fotográfico foi utilizado com o objetivo de auxiliar a narrativa de histórias e vivências LGBTs na luta por moradia, a fim de registrar as memórias desses corpos LGBTs, bem como somar esforços a esse grupo marginalizado, tornando-o visível no plano político e social.

3.3 : Da observação participante

A primeira etapa do projeto foi delimitar o grupo que seria trabalhado. Inicialmente seriam LGBTs do MTST de São Paulo, Distrito Federal e de Sergipe, locais onde o movimento tem base e enraizamento social. Porém os custos com passagens, deslocamento nas cidades e alimentação não couberam no orçamento do projeto, que não contou com financiamento externo nem vaquinha online, apenas com financiamento pessoal. Seria necessário fazer escolhas e realizar um recorte deste grupo tão heterogêneo.

Nesse momento, a opção pela cidade de São Paulo se deu por alguns motivos. O primeiro deles é que o coletivo *LGBTs Sem Medo*, do MTST, na cidade de São Paulo e região metropolitana é estruturado e tem o reconhecimento do movimento. Esse coletivo conta com reuniões periódicas e eventos nas diversas ocupações do MTST, sempre abordando a diversidade sexual e de gênero nos seus encontros. Outro ponto que motivou a escolha de São Paulo foi o contato com militantes do coletivo de juventude RUA - Juventude Anticapitalista, que participam ativamente como aliados do coletivo de LGBTs, proporcionando, assim, uma ponte com o movimento.

A partir desse contato, conseguimos falar com um dos coordenadores do coletivo LGBT do MTST, o qual não será citado o nome por questões de segurança explicado anteriormente neste trabalho. Após explicar os objetivos deste projeto, o coordenador aceitou contribuir com o trabalho e fez o convite para uma das

reuniões que o movimento faria em uma das regiões na periferia de São Paulo. Nesse momento, pude entender a dinâmica do coletivo dentro do movimento e um pouco do seu cotidiano.

3.4 : Da entrevista em profundidade

Após a articulação com o coordenador e com alguns contatos do movimento, foi o momento de planejar a viagem para São Paulo, produzir o termo de consentimento de imagem e som e o roteiro da entrevista. O período da viagem, de 17 à 23 de abril de 2019, foi escolhido com base na semana que o coletivo LGBT se reuniria, facilitando meu contato com as possíveis pessoas entrevistadas que, futuramente, iriam ser parte deste trabalho.

O termo de consentimento de imagem e som (APÊNDICE B) foi produzido de modo abrangente, uma vez que ainda não estava dado em qual plataforma o produto, até então intitulado "Do armário à lona preta", seria exposto. Ainda estava em aberto se seria uma exposição offline ou uma plataforma online na internet.

O roteiro da entrevista foi produzido com bases em três categorias de perguntas. A primeira categoria com perguntas consideradas pessoais como nome, idade e identificação sobre sexualidade e identidade de gênero, a segunda mais focada em ser LGBT e a relação com a família, como se deu o processo de aceitação dele ou dela e, por fim, a terceira categoria contava com perguntas que abordavam a relação da pessoa entrevistada com o MTST, quando ela entrou para o movimento, se já presenciou ou viveu situação de preconceito por parte de companheiros do movimento e como é ser LGBT dentro do MTST. (APÊNDICE A)

Após essa etapa organizativa, foi o momento de embarcar para São Paulo e entrevistar o grupo escolhido. No dia da reunião, o coordenador do coletivo informou que não poderia comparecer, mas que mesmo assim o encontro poderia acontecer sem a presença dele. Neste momento, acreditei que o contato com as possíveis fontes pudesse ficar prejudicado, já que meu principal contato não estaria presente para apresentar o coletivo.

Porém, a reunião se manteve no mesmo local e horário combinados. Ao chegar na ocupação, me apresentei para a coordenadora do movimento, cujo o nome também não será divulgado e apresentei o projeto. Após a conversa, ela me

apresentou para os presentes e consegui, com isso, conhecer e entrevistar a Bianca, o Paulinho e a Mel.

A entrevista com essas três pessoas aconteceu no mesmo lugar no qual aconteceria a reunião do coletivo, a fim de deixá-las mais à vontade. O roteiro de entrevista semiestruturado e um gravador foram utilizados na entrevista, com o consentimento das partes entrevistadas. A gravação foi utilizada como instrumento de coleta, permitindo o registro literal e integral, oferecendo mais segurança a fonte. (DUARTE, in DUARTE; BARROS, 2005).

Ao final das entrevistas daquele dia, pude participar da reunião do coletivo que abordou as vivências dessas LGBTs e os próximos eventos que o coletivo faria nas ocupações do movimento com a temática da diversidade sexual e de gênero.

Alguns dias após a reunião descrita acima, o coordenador do coletivo sugeriu a visita a uma outra ocupação, em outro ponto da cidade, para auxiliar no projeto. Foi nesta segunda ocupação que entrevistei mais duas pessoas, o Francisco e o Sandro. Ao final de cada conversa, perguntei onde aos entrevistados gostariam de ser fotografados, deixando-as mais à vontade e também com a finalidade que eles escolhessem um local que tinham apego naquela ocupação.

A escolha das cinco pessoas para a entrevista foi totalmente espontânea, sem o recorte de raça, sexualidade e identidade de gênero previamente estabelecido. Uma das limitações deste trabalho é o número restrito de entrevistas realizadas, influenciando, assim, a diversidade de pontos de vista, vivências e representatividades. Isso se deu por uma série de fatores como a ausência de mais pessoas LGBTs do movimento no horário da reunião, a não presença dessas pessoas nos horários das visitas nas ocupações e pelo pouco tempo que pude ficar na cidade de São Paulo, em virtude do meu emprego.

A partir das entrevistas, compilamos o material nos eixos já citados, a fim de contar essas histórias e respeitar o modo de falar dessas pessoas que foram entrevistadas. A seguir seguem as cinco histórias, já formatadas no modelo que estará no site Monas da Lona Preta:

Bianca

Depois que eu descobri o MTST foi que eu tive mais liberdade. Eu não tinha liberdade antes. Eu tinha sempre medo. Mas depois que eu conheci o movimento,

eu comecei a conhecer pessoas diferentes. A Mel foi a primeira trans que eu conheci na minha vida. Meu primeiro contato com o MTST foi em 2014. Foi um pessoal lá na minha rua e descreveu o terreno. Falou que era abandonado, era depósito de lixo. Aí me interessei pelo movimento e no mesmo dia vi várias pessoas trazendo lona. Parei e pensei "não mano, será?". Fiquei com medo logo no início. Meu padrasto disse "vamo lá, vamo lá montar um barraquinho", aí a gente veio. Veio ele e eu montar o barraquinho. Na época tava chuvoso mas mesmo assim a gente tava aqui. Eu conheci mais pessoas como eu e achei maravilhoso. Aqui dentro eu não sofri preconceito não. Foi mais tranquilo, eu fui muito acolhida. Nunca tive medo de andar sozinha aqui dentro como eu tenho medo lá fora. Lá fora eu tenho medo de andar só. Aqui não. Posso andar por qualquer lugar da ocupação.

Meu nome é Bianca, sou natural de Fortaleza mas eu moro em São Paulo. Eu sempre fui lésbica, mas devido a minha família ser muito religiosa, isso me prendeu muito. Eu fui casada durante nove anos dentro de um relacionamento abusivo. Não era muito feliz...não era.

De uns tempos pra cá, depois que eu saí desse casamento, eu comecei a me relacionar com mulheres. Acho que era alguma coisa, assim, dentro de mim que eu queria mesmo, que tava dentro de mim...tava faltando. A minha alegria tinha voltado, eu conseguia sair, me divertir. Aí eu conheci uma pessoa também. Conheci uma pessoa que mudou tudo de repente... foi maravilhoso. A gente tá junta há 4 anos e a gente casou ano passado, em dezembro....foi maravilhoso.

A gente mora aqui pertinho da ocupação com minha filha. Foi extremamente difícil para ela introduzir que eu tinha mudado. Eu falei "filha a gente continua sendo uma família. tá bom? Isso nada muda. Agora você tem duas famílias, o papai e a namorada do papai, a mamãe e a namorada da mamãe. A mente dela agora tá totalmente aberta em relação a isso...isso não é mais problema...não é mais problema. E eu também tenho um menino de 2 anos.

Eu fui muito acolhida aqui. Em casa foi mais difícil. Aqui a gente é acolhida!

Paulinho

Meu nome é Paulo, sou de São Paulo mesmo e tenho 31 anos. Sou um homem gay. Sou de uma ocupação em na região metropolitana de SP. Eu estou lá há 2 anos, é meu tempo no movimento também e foi pra realizar o sonho da minha casa própria, de início.

A minha avó deu uma criação tipo: cada um cuida da sua vida e ninguém se envolve na vida de ninguém. É mais ou menos assim que funciona lá. E assim, minha família é literalmente toda evangélica e eu sou todo o oposto. Eu sou do contra. Eles são evangelico, eu sou espírita, do candomblé, pra piorar a situação, é. Eles acham que homem tem que casar com mulher, eu já acho que você tem que casar com quem você quiser. Então, o corpo é meu, a vida é minha, eu faço o que eu quero...

Nunca me cobraram nada, nunca falaram nada, tanto que quando eu me assumi foi aos 16 anos de idade. Eu sou independente desde os 12 anos de idade. Eu trabalho, me viro pra conquistar as minhas coisas. Então eu fui trabalhar muito cedo, paguei estudo, fiz as coisas tudo por mim mesmo. Assim meus tios, minha família, quando eles pensam em falar alguma coisa eu falo "Mano, vocês não me dão 1 kg de sal... pra falar ó, pra você salgar a sua comida", então quem é eles pra falar da minha vida? Ainda falo que se tem alguém que pode falar alguma coisa e opinar é minha vó porque ela me criou e é ela que me ajuda quando eu preciso.

Acho que piadinha de quebrada, piadinha besta de rua mesmo sempre vai ter. Eu acho que até quando o Francisco trouxe as rodas LGBT pra acontecer, ele visou em acabar exatamente com essas piadinhas, com esse preconceito dentro dos espaços coletivos do movimento. Mas eu não ligo, eu venho de favela, eu venho de quebrada, sou acostumado. Fui criado no meio de louco, eu acho que até o jeito de eu falar. Eu sou um viado muito estranho, eu falo que eu sou um viado maloqueiro, que eu falo gíria, falo "parça", "mano" é isso. Tô tentando falar bonitinho. (Risos)

Pra mim é um orgulho. Eu tenho orgulho de ser o que eu sou!

Mel

"Quando eu me descobri mulher trans, tem aproximadamente 10 anos que eu me descobri mulher trans... Então eu tive que me separar da minha família, porque no começo, eu só tenho minha mãe né, então ela não me aceitou no início, eu tive que morar só, foi aí que eu passei um ano e meio na ocupação do MTST, morando aqui dentro como acampada, então eu conheci uma nova família. Aos poucos minha mãe se reaproximou. Hoje eu já tenho uma relação mais achegada com ela. Ela aprendeu a me respeitar e me aceitar...mas no começo eu enfrentei resistência.

A gente até fala, no começo que todas de nós temos a sua mãe de rua, que é aquela que ajuda a gente a se arrumar. A partir dos 20 anos que eu comecei a me transformar, eu só me transformava. Sexta, sábado e domingo eu virava menina e de Segunda a sexta eu era menino. Então eu era um transformista. Até os 30 eu me via assim... então eu tinha, realmente, as mais velhas que eu conhecia na noite, que era com quem eu fui me aprendendo...e eu me espelhei nelas, nas travestis mais antigas. Infelizmente tem uma delas que hoje ela tá falecida, ela foi assassinada. Eu tinha um carinho muito especial por ela, porque foi ela que foi como que minha mãe de rua.

Atualmente, eu estou como auxiliar de classe, né, sou professora formada. Com muitas lágrimas consegui me formar, consegui entrar no mercado de trabalho...não é fácil, eu saí esperando o não e fui atrás do sim. É isso, nós trans não podemos desistir...e se a trans achar que melhor pra ela é o lugar onde ela quiser. É isso que eu acredito e espero para todas.

Eu espero...eu torço e eu vou lutar, vou resistir para que esse governo passe o mais rápido possível... é isso que eu espero para nós.

Eu sou a Mel, tenho 42 anos, sou nascida e criada aqui em São Paulo"

Sandro

Em 2014, fiz uma viagem pra Recife com meu filho de 8 meses, na época, quando eu voltei, passou mais ou menos um mês, meu filho ficou doente, foi pra uma UTI, quase morreu. Depois de 23 dias no hospital ele teve alta. Passou uma semana, tive que voltar pro hospital pra fazer uns exames e foi um momento que eu tava bem triste, bem acabado, deprimido, preocupado ao mesmo tempo com o meu filho...e num sábado de manhã, dia 2 de maio de 2014 surge a ocupação do MTST...e eu pago aluguel né...eu pago aluguel, moro sozinho com meu filho, ele é adotado e foi um momento que eu tava bem frágil, bem debilitado e aí vim pra cá, pra ocupação, pq eu moro aqui perto. Foi uma necessidade. Necessidade pra não pagar aluguel.

Então, o meu recado para os LGBTs que vem pro MTST é não achar que tudo é maravilha, que aqui é um paraíso, porque não é. É muita garra, é muita luta. A luta aqui é diária, né, e ser gay não é fácil, nunca foi e nunca vai se, né? Como a gente diz, né, no GLB: Coragem, tem que ter muita coragem, muito peito porque senão não aguenta. Eu falo porque **(pode continuar?)** Eu falo porque comigo foi assim, cheguei aqui na ocupação (Copa do Povo), a Copa do Povo me trouxe bastante felicidade no momento que eu mais precisei, eu fiz muita amizade, muita amizade com pessoas que veio de outra ocupação, inclusive da Palestina (ocupação) né. Vou citar o nome dela aqui, porque senti de citar e eu vou citar:

Simone, uma mulher que lutava muito pela Copa do Povo, uma mulher que lutou muito pela Palestina, mas infelizmente Deus a levou, né. Uma pessoa que me ensinou muita coisa, quem é quem, quem são os verdadeiros, quem não são e hoje eu carrego ela dentro do meu coração, cara. Carrego ela dentro do meu coração e, é isso.

Sandro, 36 anos. Sou gay, fotógrafo e decorador de festas.

Francisco

Meu nome é Francisco, tenho 43 anos e moro aqui em São Paulo. Sou nordestino, do Estado do Piauí, vim pra São Paulo com 14 anos de idade. Eu fui expulso de casa com 17 anos de idade. Com 17 anos de idade meu pai me expulsou, fiquei na

rua, desempregado aqui em São Paulo, só porque eu era gay. Nem sabia pra onde ir, fiquei sem destino, entendeu? Morei com vários parentes, com primos, primas, sempre ficava trocando de lugar.

Aí eu conheci o MTST. Meu irmão e minha cunhada fizeram esse barraco pra mim lá na ocupação. Eu falei "eu num vou não, não vou me misturar com esse pessoal não, sai fora, tá doido". Mas eu peguei e fui, com medo de tudo, no escuro, fiquei lá assistindo a assembleia, as reuniões, aí eles começaram a falar que não pediam dinheiro, começaram a falar que só a participação. Eu vi que no MTST tinha várias pessoas LGBT que era expulsas de casa e num tinha onde morar. O MTST não tinha uma política LGBT. Ele defendia a pauta mas não tinha aquela política. Aí eu queria fazer alguma coisa. Foi aí que eu fui, criei a frente LGBT Sem Medo, do MTST que é pra acolher esse pessoal. Eu entrei no movimento num foi nem pelo teto pra morar, foi só pra ajudar o público LGBT.

Em 2017, lá em Guarulhos, a gente fez a primeira roda de conversa LGBT e daí surgiu uma frente LGBT pra dar acolhimento a esse pessoal. É um pessoal sofrido, que já é expulso de casa, é o pessoal que fica na rua, já sofre preconceito porque é LGBT, sofre preconceito porque é periférico, aí sofre preconceito porque é "invasores de terreno". LGBT só sofre no mundo. E no movimento é seguro. O pessoal aceita. Assim, todo lugar tem homofobia, tem uns que aceita, outros que não aceita mas, assim, no movimento eles dão aquela proteção pra gente.

Com o tempo eu voltei pra casa do meu pai de novo, ficou tudo de boa e aceitou tudo de boa. É por isso que foi feito o LGBT Sem Medo, pro pessoal lutar e tomar posse da sua casa de novo. Uma reintegração de posse do que é seu!

3.5: No site e Instagram, opções estéticas

No retorno à Brasília, foi momento de cumprir a etapa de pós-produção. Seria necessária a transcrição das entrevistas, a sintetização destas histórias levando em conta fatores mais relevantes como a relação das entrevistadas com o MTST, com a sua sexualidade e/ou identidade de gênero e relação familiar. A produção da

identidade visual do "Monas da Lona Preta", a criação do site e do *Instagram* do projeto, bem como a produção do presente memorial, foram concluídos também nesta etapa.

Além disso, durante a transcrição das entrevistas, uma opção feita foi o respeito ao modo de falar das entrevistadas e entrevistados, como gírias, jargões e informalidades. Como o "Monas da Lona Preta" é sobre visibilidade e identidades LGBTs periféricas, nada mais simbólico do que a expressão do linguajar de cada uma das pessoas entrevistadas.

Na criação da identidade visual do projeto, com ajuda do Francisco Bronze, optamos pela construção de uma logo que trouxesse as barracas de lona preta, muito presentes nas ocupações do MTST, como elemento visual. As linhas entre as palavras e os barracos dão um tom de ocupação para a logo. (APÊNDICE C)

A opção estética para as postagens no *Instagram* se deu com referência no SP Invisível (ANEXO 8), com foto de rosto em diferentes ângulos, sem uma definição prévia e também com colagens e elementos visuais que remetem as lonas pretas e as ocupações do movimento (APÊNDICE D).

O site⁹, criado por João Paulo Maciel, tem uma disposição mais simples e que tem como prioridade explicar o projeto e contar as histórias das e dos entrevistados. Além disso, ele foi criado com base na identidade visual produzida (APÊNDICE E).

4. Considerações finais

A realidade dessas LGBTs, que participam ou já participaram de ocupações do MTST, é diversa e plural. Todas trazem singularidades. As questões de classe social e raça estão diretamente ligadas ao ser LGBT sem teto e isso fica nítido nas entrevistas. Acesso aos estudos apenas na fase adulta, o primeiro emprego formal, o racismo, até o abandono da família, perpassam essas vidas LGBTs que "Monas da Lona Preta" ajuda a contar.

O presente trabalho cumpre o objetivo central de registrar e narrar as histórias de LGBTs diversas, evidenciando sua perspectiva sobre o MTST, suas próprias experiências e do mundo que as cerca. Quanto ao ponto comum dessas

⁹ Monas da Lona Preta. Disponível em: <monasdalonapreta.com.br>

vivências, está o sonho da casa própria, marcando cada uma das falas das cinco pessoas entrevistadas.

No que tange aos limites desta pesquisa, está a ausência de dados sobre quantas LGBTs participam do MTST, como qual identidade de gênero e orientação sexual é predominante e também os aspectos que perpassam suas existências como raça e classe e suas proporções dentro do movimento, dificultando a identificação dos perfis dentro das ocupações e desse que é um dos maiores movimentos sociais do Brasil.

Porém o trabalho não se encerra aqui. Esta é apenas uma contribuição para que outras pesquisadoras e pesquisadores abordem a temática LGBT e os debates interseccionais que giram em torno da comunidade, visto que o que se tem sobre esse entrecruzamento gênero, sexualidade e condição de sem teto ainda é muito escasso. Assim, fortalecendo a produção acadêmica e, por consequência, auxiliando na conquista de direitos a esse grupo social tão marginalizado.

5. Planejamento do produto

O planejamento do produto "Monas da Lona Preta" foi esquematizado na tabela abaixo, levando em conta que o projeto já estava sendo pensado antes mesmo do início do ano de 2019.

A escolha do objeto de pesquisa, teve que ser repensado em Dezembro de 2018 e Janeiro de 2019, e foi modificado com o recorte das LGBTs sem teto do MTST da cidade de São Paulo.

As entrevistas, realizadas em Abril de 2019, nas ocupações em São Paulo foram transcritas no intervalo de uma semana e meia, a fim de que o conteúdo obtido nos encontros com as fontes estivesse recente e mais elementos pudessem ser absorvidos pelo trabalho.

A produção da identidade visual, bem como do site e do *Instagram* e que contaram com a ajuda de Francisco Bronze e João Paulo Maciel, estão na parte de pós-produção, realizadas em Maio e Junho de 2019.

A produção do presente memorial teve início no começo da pesquisa, ao me debruçar sobre o referencial teórico utilizado neste trabalho.

Ações	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho
Escolha do objeto de pesquisa	X	X					
Referencial bibliográfico	X	X	X	X			
Viagem para São Paulo e entrevistas					X		
Transcrição do áudio das entrevistas					X		
Edição das fotos das e dos entrevistados					X		
Produção da identidade visual						X	X
Produção do site e instagram							X
Produção do memorial		X	X	X	X	X	X

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

ANDRADE, M. M. de. Introdução à metodologia do trabalho científico. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2001. 2.

BELISÁRIO, G. Fazendo barraco: LGBTs nos movimentos por moradia. Março de 2018. No prelo.

BELISÁRIO, G. LGBTs e o Direito à Moradia. In: Direito à Cidade: Vivências e Olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva & sexual. São Paulo: IBDU,

2017. Disponível em:
<<http://www.ibdu.org.br/eficiente/repositorio/Projetos-de-Pesquisa/492.pdf>> Acesso em: 30 de abril de 2019.

BENTO, B. Transviadas: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/26037/1/Transviadas-BereniceBento-2017-EDUFBA.pdf>> Acesso em: 1 de maio de 2019.

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 20, n. 2, p. 27-55, 2015.

BOYD, A.; MITCHELL, O. (Org). Bela baderna: ferramentas pra revolução. São Paulo: Edições Ideal, 2013.

BRASIL. Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm>. Acesso em: 30 de abril de 2019.

BRASIL. Portaria nº 33, de 18 de janeiro de 2018. Dispões sobre a normatização nacional sobre o uso do nome social na educação básica. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Seção 1, Pág. 10. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=72921-pcp014-17-pdf&category_slug=setembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 30 de abril de 2019.

BRASIL. Resolução nº. 175, de 14 de maio de 2013. Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo. Conselho Nacional de Justiça. Disponível em: <

http://www.cnj.jus.br/images/resol_gp_175_2013.pdf>. Acesso em: 29 de abril de 2019.

CANOFRE, F. Boulos: "Num momento de crise, é preciso fazer com que a voz de indignação chegue à política". 2018. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2018/04/boulos-num-momento-d-e-cri-se-e-preciso-fazer-com-que-a-voz-de-indignacao-chegue-a-politica/>> Acesso em: 9 de maio de 2019.

CLAUDINO, W. C. Fotografia e movimentos sociais: políticas de visibilidade na cena contemporânea. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual de Londrina. Paraná, 2012.

COUTINHO, I. Leitura e análise da imagem. In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio (organizadores). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. Disponível em <http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia>. Acesso em: 12 de abril de 2019.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio (organizadores). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

DUARTE, M. Y. M. Estudo de caso In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio (organizadores). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

DUBOIS, P. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas: Papirus, 2013.

Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE). Pesquisa censitária e caracterização socioeconômica da população em situação de rua e do relatório temático de identificação das necessidades dessa população na cidade de São

Paulo. 2015. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/00-publicacao_de_editais/0005.pdf>. Acesso em: 30 de abril de 2019.

Fundação João Pinheiro. Déficit habitacional no Brasil 2015. Diretoria de Estatística e Informações. Belo Horizonte. 2018. Disponível em: <<http://fjp.mg.gov.br/index.php/docman/direi-2018/871-6-serie-estatistica-e-informacoes-deficit-habitacional-no-brasil-2015291118/file>> Acesso em: 17 de abril de 2019.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Organizadoras). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. Sexta edição. São Paulo: Editora Atlas, 2008. 200 p.

GRUPO GAY DA BAHIA. Mortes Violentas De LGBT+ no Brasil - Relatório 2018. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>> Acesso em: 20 de abril de 2019.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). Mortes Violentas De LGBT+ no Brasil - Relatório 2017. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>> Acesso em: 30 de abril de 2019.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo Social, v. 26, n. 1, p. 61-73, 1 jun. 2014.

Humans Of New York. Disponível em: <<https://www.humansofnewyork.com/>>. Acesso em 1 de maio de 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em 10 de abril de 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf>. Acesso em: 16 de abril de 2019.

KONCHINSKI, V. Número de casas vazias supera déficit habitacional brasileiro, indica Censo 2010. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/editoria/cidadania-e-inclusao/2010/12/numero-de-casas-vazias-supera-deficit-habitacional-do-pais-indica-censo-2010>>. Acesso em 15 de abril de 2019.

MAUAD, A. M. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. ArtCultura - Dossiê História & Fotografia, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 33-50, jan.-jun. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1495>>. Acesso em 30 de abril de 2019.

OLIVEIRA, M. Decisão do CNJ obriga cartórios a fazer casamento homossexual. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/05/apos-uniao-estavel-gay-podera-casar-e-m-cartorio-decide-cnj.html>>. Acesso em: 29 de abril de 2019.

OLIVEIRA, M. Diversidade presente nas ocupações. 2015. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/diversidade-presente-nas-ocupacoes/>>. Acesso em: 17 de abril de 2019.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação In: DUARTE, J. BARROS, A. (organizadores). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2.ed. - 5. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2011.

RAMOS, M. M; NICOLI, P. A. G.; BRENER, P. R. G. Gênero, sexualidade e direito: uma introdução. In _____ . (org). Belo Horizonte. Initia Via, 2016.

Redação. Casa 1: por que LGBTs precisam de uma república de acolhimento?. 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/casa-1-por-que-lgbts-precisam-de-uma-republica-de-acolhimento>>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

RIBEIRO, C. Conheça as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2018. 2019. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/02/conheca-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018.ghtml>>. Acesso em: 16 de abril de 2019.

RICOEUR. P. "Memory, history, oblivion". Conferência em Budapeste, 2003.

ROSENBAUM, S. 'Humans of New York' creator turns lens to young cancer patients. 2016. Disponível em: <<https://nypost.com/2016/05/08/humans-of-new-york-creator-turns-lens-to-young-cancer-patients/>> Acesso em: 15 de maio de 2019.

SIMÕES, G.; CAMPOS, M; RAFAEL, R. MTST 20 anos de história: Luta, organização e esperança nas periferias do Brasil. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

SP Invisível. Disponível em: <<https://spinvisivel.org/>> Acesso em: 1 de maio de 2019.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio (organizadores). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

Transgender Europe (TGEu). 2,190 reported murders are only the tip of the iceberg - TMM ANNUAL REPORT 2016. TvT Publication Series Vol.14. 2016. Disponível em: <<https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>>.

Acesso em: 8 de maio de 2019.

TREVISAN, J. S. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2013.

VERDÉLIO, A. Transexuais e travestis já podem incluir nome social no título de eleitor. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-04/transexuais-e-travestis-ja-podem-incluir-nome-social-no-titulo-de-eleitor>>. Acesso em: 30 de abril de 2019.

ANEXOS

Anexo 1 - Mortes Violentas De LGBTQ+ no Brasil - Relatório 2018

Pag. 01



RELATÓRIO 2018

“A cada 20 horas um LGBTQ+ morre de forma violenta vítima da LGBTQ+fobia, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais”.



420 LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) morreram no Brasil em 2018 vítimas da homolebotransfobia: 320 homicídios (76%) e 100 suicídios (24%). Uma pequena redução de 6% em relação a 2017, quando registraram-se 445 mortes, numero recorde nos 39 anos desde que o Grupo Gay da Bahia iniciou esse banco de dados.

Anexo 2 - Carta Capital - Casa 1: por que LGBTQs precisam de uma república de acolhimento?

CartaCapital



POLÍTICA ECONOMIA SOCIEDADE JUSTIÇA MUNDO DIVERSIDADE CULTURA OPINIÃO BLOGS MAIS

PROCURE AQUI

SOCIEDADE

Casa 1: por que LGBTQs precisam de uma república de acolhimento?

“Meu tio me disse que eu sou uma bichona, que **viado merece morrer**, e que me mataria na primeira oportunidade”, conta Otávio Salles, que teve de deixar a própria casa após uma sucessão de violências e falta de apoio do restante da família. “A convivência já estava insuportável havia algum tempo, mas nesse dia ele me deu um soco e gritou essas coisas”.

O jovem buscou refúgio com uma amiga e fez um boletim de ocorrência usando sua certidão de nascimento, único documento que restou após a família esconder sua carteira para tentar evitar que ele procurasse a polícia.

Hoje, um ano depois, o jovem de 23 anos vive em um apartamento em São Paulo com Iran Giusti e seu companheiro. No mesmo sofá em que ele dorme, outro garoto gay, que também foi expulso de casa, já encontrou conforto e acolhimento.

Assim como eles, muitos LGBTs vivem cenas de violência e desrespeito dentro de casa. Alguns conseguem a ajuda de pessoas próximas ou a própria independência. Muitos, porém, acabam nas ruas.

Recebendo e conversando com jovens gays expulsos de casa, Iran Giusti percebeu a necessidade de ampliar o seu sofá. “Não é exagero ou clichê dizer que o movimento LGBT é o único de minorias que não tem apoio dentro da própria casa”, afirma.

O jornalista de 27 anos criou, então, o projeto **Casa 1**, que vai funcionar como abrigo e centro cultural para LGBTs e também mulheres em situação de vulnerabilidade. Agora **arrecada fundos** para tornar a Casa 1 uma realidade.

“A Casa 1 é uma extensão da minha casa, e vai ser uma república de acolhimento LGBT, mas que não tem um caráter assistencialista. A ideia é criar uma rede de contatos de acordo com a necessidade dos que chegam”, explica Iran.

Ele já firmou parcerias com o Ambulatório de Sexualidade da UNIFESP, o Hospital Pérola Byington, e outros voluntários que podem estar presentes, como advogados e psicólogos.

“A ideia é ampliar o que eu já venho fazendo. Por exemplo, o menino anterior que morou aqui era fotógrafo, e eu coloquei em contato com algumas pessoas. Hoje ele já conseguiu um apê pra morar”, conta.

(continuação - anexo 2)

Sem teto

Apesar de não ser possível afirmar que todos os LGBTs vivendo nas ruas em abrigos tenham sido expulsos de casa, o fato é que alguma coisa está empurrando esses jovens para essa situação. Essa é a avaliação do doutor em Psicologia Social, Marcos Vieira Garcia.

“De 20 a 30% dos jovens em situação de rua no mundo são **LGBT**, essa é uma taxa superior à de LGBTs na sociedade”, afirma o coordenador do Departamento de Ciências Humanas e Educação na UFSCAR.

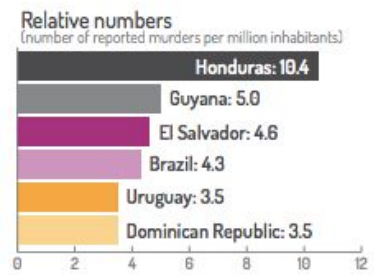
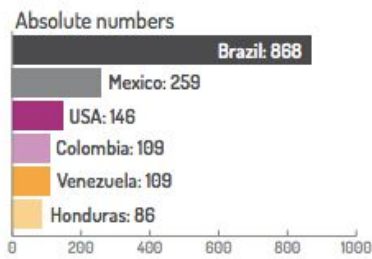
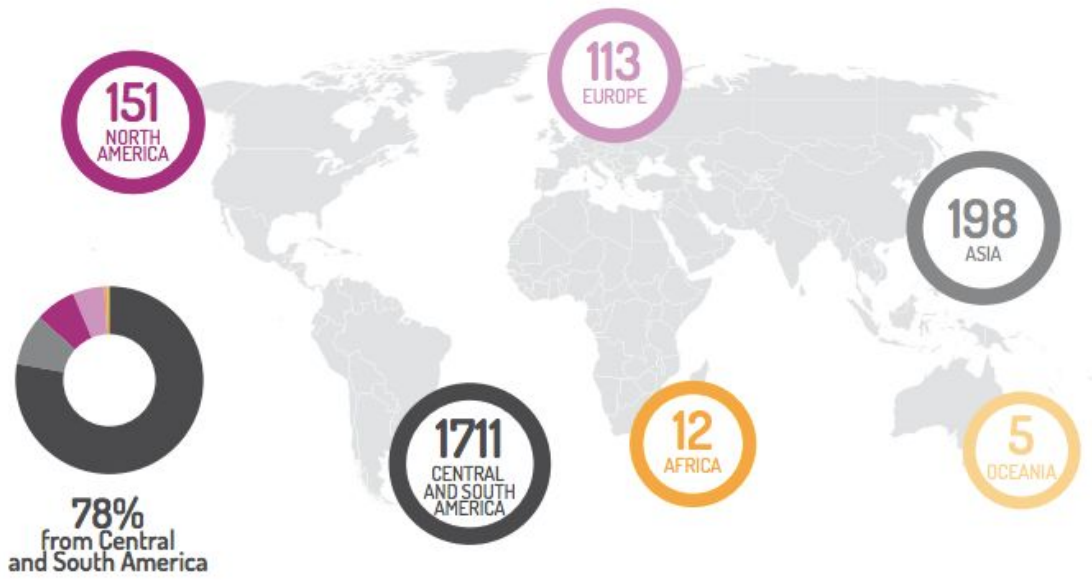
Ele acredita que isso se explica porque homossexuais e **transexuais**, principalmente os pobres, estão mais suscetíveis a perder o próprio teto.

“Uma família homofóbica torna insustentável a relação e, direta ou indiretamente, vai expulsar aquela pessoa. Além disso, tem a evasão escolar e a **baixa empregabilidade**, ambas pautadas pela homofobia e a transfobia. Eles são economicamente punidos, trata-se de um processo de expulsão desses jovens de uma vida digna”.

Um estudo divulgado em abril de 2016 pela Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da Prefeitura de São Paulo mostra que um LGBT em situação de rua ou em abrigos é ainda mais propenso a sofrer violências do que os héteros.

(continuação - anexo 2)

Anexo 3 - TMM annual report 2016



Anexo 4 - Sul 21 - Boulos: 'Num momento de crise, é preciso fazer com que a voz de indignação chegue à política'

Sul21

Início » Boulos: 'Num momento de crise, é preciso fazer com que a voz de indignação chegue à política'

Boulos: 'Num momento de crise, é preciso fazer com que a voz de indignação chegue à política'

Publicado em: abril 20, 2018



Fernanda Canofre

Na sexta-feira (20), Guilherme Boulos chegou a Porto Alegre às 10h. Vinha de um evento em Belo Horizonte, precisou fazer conexão de manhã cedo em São Paulo, mas quando desembarcou no Aeroporto Salgado Filho, parecia com bateria carregada para os dois dias de agenda e para saudar os manifestantes que o esperavam. "Aqui está, o povo sem medo, sem medo de lutar", cantavam com punho erguido. No estacionamento, à espera do carro que o levaria para visitar a ocupação Povo Sem Medo, ele checava mensagens, atendia telefonemas. "Essa semana nos desencontramos várias vezes, está difícil de conciliar", diz para a pessoa do outro lado da linha.

Pergunto se foi sempre assim ou se o ritmo acelerou desde que foi indicado como pré-candidato à Presidência da República pelo PSOL, no dia 10 de março. "Já era, mas piorou", responde rindo.

Líder do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), que conta com 55 mil famílias em 14 estados, aos 36 anos, Boulos é o candidato mais jovem da história a presidente do Brasil. Formado psicanalista, filho de um casal de médicos professores da USP, criado na classe média brasileira, aos 20 anos ele se mudou para dentro de uma ocupação na região metropolitana de São Paulo e encontrou a causa da sua vida: a luta por moradia urbana.

Na Ocupação Povo Sem Medo, na Zona Norte de Porto Alegre, parte do grupo de 300 famílias que ocupa um terreno pendurado na Justiça por anos de atraso de IPTU, desde setembro do ano passado, o aguarda. Um companheiro, com a camiseta vermelha e a logo do movimento, o aborda e comenta algo sobre falta de dinheiro. "O problema do Brasil não é falta de dinheiro, é que ele está muito mal distribuído", responde Boulos.

(continuação - anexo 4)

TV SUL21



PODCAST



Anexo 5 - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua - Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal



Pessoas de 10 anos ou mais de idade

A investigação da utilização pessoal da Internet, por qualquer meio e em qualquer local, abrangeu as pessoas de 10 anos ou mais de idade e focou na sua ocorrência pelo menos em algum momento, no período de referência dos últimos três meses, que foram os últimos 90 dias que antecederam a data da entrevista no domicílio.

Utilização da Internet

Em 2017, na população de 181 070 mil pessoas de 10 anos ou mais de idade do País, 69,8% utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses. Esse percentual apresentou considerável elevação em relação ao alcançado no ano anterior (64,7%), o mesmo ocorrendo em área urbana e em área rural e para os homens e as mulheres, indicando que o uso desse poderoso meio de acesso à informação e comunicação continua em expansão.

Na população de 10 anos ou mais de idade do País, de 2016 para 2017, o percentual de pessoas que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, cresceu de 70,0% para 74,8%, em área urbana, ainda se mantendo em nível muito mais alto que em área rural, que aumentou de 32,6% para 39,0%. Em área urbana, o percentual dos homens que utilizaram a Internet ainda permaneceu no mesmo patamar daquele das mulheres, mas em área rural, os resultados das mulheres continuaram mais elevados que os dos homens.

De 2016 para 2017, em todas as Grandes Regiões, observou-se crescimento no percentual de pessoas que acessaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, tanto em área urbana como em área rural. Em 2017, em todas as Grandes Regiões, houve diferença acentuada entre os resultados das áreas urbana e rural, sendo a da Região Norte a maior (69,6%, na urbana, e 27,0%, na rural).

Pessoas que utilizaram a Internet (%) Grandes Regiões

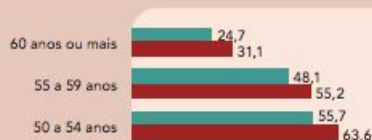
Por grupos de idade

Em 2017, no País, o percentual de pessoas que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, foi de 71,2%, no grupo etário de 10 a 13 anos, cresceu sucessivamente nos seguintes e alcançou o máximo no de 20 a 24 anos (88,4%), passando a declinar nas seguintes até atingir 31,1%, no de 60 anos ou mais. Os resultados mais destacados ficaram nos grupos de 18 a 29 anos de idade. Comportamento semelhante já havia sido observado em 2016, sendo o máximo atingido no grupo de 18 ou 19 anos de idade.

O uso das tecnologias mais recentes, como é o caso da utilização da Internet, tem adesão mais rápida entre os jovens, mas a rápida evolução de facilidades para o seu uso vem ampliando a sua disseminação em todos os grupos etários de ambos os sexos, como mostraram os resultados das pesquisas de 2016 e 2017.

A variação, de 2016 para 2017, desse percentual de pessoas que utilizaram a Internet foi de 7,4%, no grupo etário de 10 a 13 anos, e de 2,9%, no de 14 a 17 anos. Em seguida, esta variação foi crescendo continuamente com o aumento da idade, atingindo 25,9%, no grupo etário de 60 anos ou mais.

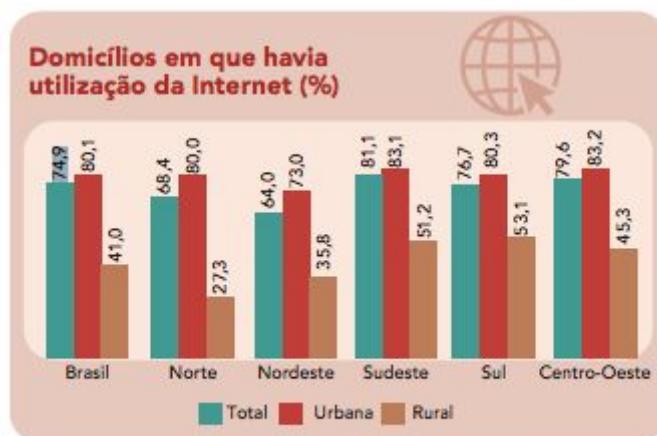
Pessoas que utilizaram a Internet, segundo os grupos de idade (%)



Utilização da Internet

Os resultados desta pesquisa corroboram que a utilização da Internet nos domicílios vem crescendo rapidamente. Em 2016, a Internet era utilizada em 69,3% dos domicílios permanentes do País e este percentual aumentou para 74,9%, em 2017. O crescimento da utilização da Internet nos domicílios da área rural foi mais acentuado que nos da área urbana, contribuindo para reduzir a grande diferença entre os resultados destas duas áreas. Em área urbana, o percentual de domicílios em que a Internet era utilizada estava em 75,0%, em 2016, e aumentou para 80,1%, em 2017, e, em área rural, subiu de 33,6% para 41,0%. O mesmo tipo de evolução foi observado em todas as Grandes Regiões.

(continuação - anexo 5)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017.

(continuação - anexo 5)

Anexo 6 - Conheça as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2018

MENU | **tech**tudo | DOWNLOADS | Q BUSCAR

REDES SOCIAIS

Conheça as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2018

Relatório revela dados e tendências sobre o uso das redes sociais no Brasil e ao redor do mundo

Por Carolina Ribeiro, para o TechTudo

15/02/2019 06h00 - Atualizado há 3 meses



A rede social favorita entre os brasileiros é o **YouTube** (95%), seguido pelo **Facebook** (90%) e **WhatsApp** (89%). Já a liderança no cenário global é ocupada pelo Facebook, com 2,27 bilhões de usuários ativos. Em segundo e terceiro lugar estão, respectivamente, o YouTube (1,900 milhões) e o

WhatsApp (1.500 milhões). É o que revela a pesquisa “Global Digital 2019”, que traz insights e tendências sobre o uso das redes sociais no Brasil e no mundo.



LEIA: **Usar Facebook por meia hora reduz depressão; veja estudo**

O estudo foi produzido pela agência We Are Social em parceria com a plataforma de mídia **Hootsuite**, e coletou dados de 22 milhões de usuários em 45 países. O Brasil tem 140 milhões de usuários ativos nas redes, o que corresponde a 66% da população. O relatório também indica que 61% dos internautas do país acessam redes sociais via dispositivo móvel (celular ou tablet). Confira a seguir outros dados relevantes como o tempo de uso nas mídias e a faixa etária de quem mais utiliza as redes sociais no Brasil e no mundo.

(continuação - anexo 6)

As redes sociais no Brasil

O estudo revelou que 140 milhões de brasileiros estão nas redes sociais, o que representa 66% da população nacional. Além disso, 130 milhões desses brasileiros acessaram as redes por dispositivos móveis (61%), o que mostra que a maioria navega na Internet com o celular. Segundo a pesquisa, todos os usuários brasileiros visitaram ou usaram as redes sociais em 2018 e, desses, 81% é ativamente engajado nas plataformas.

(continuação - anexo 6)

O brasileiro gasta, em média, três horas e 34 minutos por dia com as redes sociais, e a maioria tem entre 25 a 34 anos. O segundo grupo etário em maior quantidade tem de 18 a 24 anos. Na terceira posição está a população de 35 a 44 anos e em último lugar se encontram os idosos a partir de 65 anos. Então o internauta brasileiro médio é jovem e passa a maior parte do tempo navegando pelas redes sociais com o celular.

(continuação - anexo 6)

Ranking das redes sociais mais usadas no Brasil

1. YouTube
2. Facebook
3. WhatsApp
4. Instagram
5. **Facebook Messenger**
6. **Twitter**
7. **LinkedIn**
8. **Pinterest**
9. **Skype**
10. **Snapchat**
11. **Tumblr**
12. **Badoo**
13. **Twitch**
14. **WeChat**
15. **Reddit**
16. **Viber**


(continuação - anexo 6)

Anexo 7 - SP Invisível - Site

HOME NOSSO IMPACTO

SP INVISÍVEL

LOJA VOLUNTÁRIO CONTATO FAQ



Páscoa Invisível Esperança no Amor

Páscoa é época de esperança, vamos espalhar o amor para gerar esperança!

PARTICIPE

O que é o SP invisível?

O SP Invisível é um movimento de conscientização das pessoas através de histórias de pessoas em situação de rua da cidade de São Paulo. Queremos humanizar as pessoas para que elas possam enxergar com as lentes do amor e ver no que todo mundo diz que é invisível, o João, a Maria, o José e suas histórias.

CLÁUDIO

"Tenho uma filha só, a Ana Júlia que tem 15 anos. Ela mora com a mãe dela, eu morro de saudades. Queria muito fazer uma surpresa pra ela no fim do ano. Só que antes, queria muito ir pra uma clinica, quero melhorar porque tenho vícios.

Meu nome é Cláudio, tenho 40 anos e faz três anos que eu to aqui. Três anos atrás, o que me marcou muito foi o meu último Natal numa casa. A mesa estava farta e toda família estava reunida. Foi um momento muito especial.

Ano passado, eu passei eu e mais um panetone que me deram, mas eu via os prédios e estavam todos iluminados. Esse ano não sei como vai ser, não sei mesmo!"

ACERVO DE HISTÓRIAS



(continuação - anexo 7)

Missão

São Paulo é uma cidade onde ninguém se olha. Por isso, as pessoas não enxergam o ser humano que existe dentro delas. Essa cegueira afeta muito a conexão entre as pessoas.

O SP Invisível quer abrir os olhos das pessoas para que todos possam se ver com olhares mais humanos e assim se interegirem e conectarem, cada vez mais, até que toda cidade se enxergue com os olhos do coração.

Quando todas as pessoas olharem alguém na rua e verem uma pessoa, não um lixo. Olharem para uma situação de injustiça e não se calarem. Olharem para alguém que precisa de ajuda e ajudarem. Quer dizer que elas estão enxergando através da lente do amor.

Metas

O SP Invisível quer ser atuante na cidade através de histórias e ações que conscientizem e mobilizem as pessoas. Para isso, queremos e precisamos:

01.

-

O SP Invisível conta histórias diariamente dos invisíveis da cidade de São Paulo para conscientizar as pessoas e humanizar os olhares das pessoas.

02.

-

O SP Invisível tem um espaço onde pensa, elabora seus projetos e trabalha diariamente em suas demandas, onde também realiza eventos como os Encontros Invisíveis para discutir assuntos que envolvem a cidade.

03.

-

Sempre que conversamos com as pessoas que estão na rua, sentimos falta de fazer algo a mais: ajudar. Uma de nossas metas é poder ajudar mais no momento da conversa. Queremos agradecer e retribuir tudo que eles nos deram.

04.

-

Queremos, cada vez mais, mapear os problemas da cidade de São Paulo e propor soluções. Por isso, temos um grupo de pesquisas que, a partir das histórias ouvidas, criam ações como o SP Sem Frio e o Natal Invisível para conectar os voluntários com as pessoas invisíveis.

(continuação - anexo 7)

Nossa história

O SP Invisível começou em 2014 após um evento onde Joabe Santos mobilizou um grupo de adolescentes para fotografarem tudo que era invisível na cidade de São Paulo.

Após o evento, André Soler e Vinícius Lima que participaram desse dia pensaram, "invisível não é a pessoa que está ali, mas a sua história. Vamos contar essas histórias?" – Foi a partir daí que o projeto nasceu.

No projeto, foram contadas diversas histórias. Algumas pessoas nunca mais reencontramos, outras voltaram para as suas casas, arrumaram empregos, mas o mais legal é a mudança de olhar que essas histórias geram em quem está lendo.

Depois de um tempo, pensamos que mesmo contando histórias, algumas pessoas precisavam de uma motivação maior para conversar com quem está na rua. Então, começamos a fazer ações para mobilizar voluntários a ajudarem as pessoas em situação de rua e criamos ambientes para ajudarmos os invisíveis da cidade.

Hoje, o SP Invisível é um movimento de conscientização através de histórias e ações em São Paulo que quer humanizar os olhares de toda população para que a cidade seja mais humana.

(continuação - anexo 7)

Anexo 8 - SP Invisível - Instagram

The image shows a screenshot of the Instagram profile for 'spinvisível'. At the top, the Instagram logo and search bar are visible. The profile name is 'spinvisível', followed by 'Seguindo' and a dropdown menu. The profile statistics show 1.174 publicações, 91,5mil seguidores, and 2 seguindo. The bio reads: 'SP Invisível. Seja voluntário em nossa ação de inverno 2019, o SP Sem Frio. Participe ↴ catarse.me/spsemfrio2019'. Below the bio, it says 'Seguido por belamaroja e felipedaier'. A row of story highlights includes 'Páscoa 19', 'Carnaval 19', 'Lazaro', 'Brumadinho', 'Natal 18', 'Pascoa 18', and 'SEM FRIO ...'. The main feed shows three posts: a man in a grey jacket, a man in a black t-shirt and orange hat, and two men looking at a black hoodie with the 'SEM FRIO' logo.

Instagram

Busca

spinvisível Seguindo

1.174 publicações 91,5mil seguidores 2 seguindo

SP Invisível
Seja voluntário em nossa ação de inverno 2019, o SP Sem Frio. Participe ↴
catarse.me/spsemfrio2019

Seguido por belamaroja e felipedaier

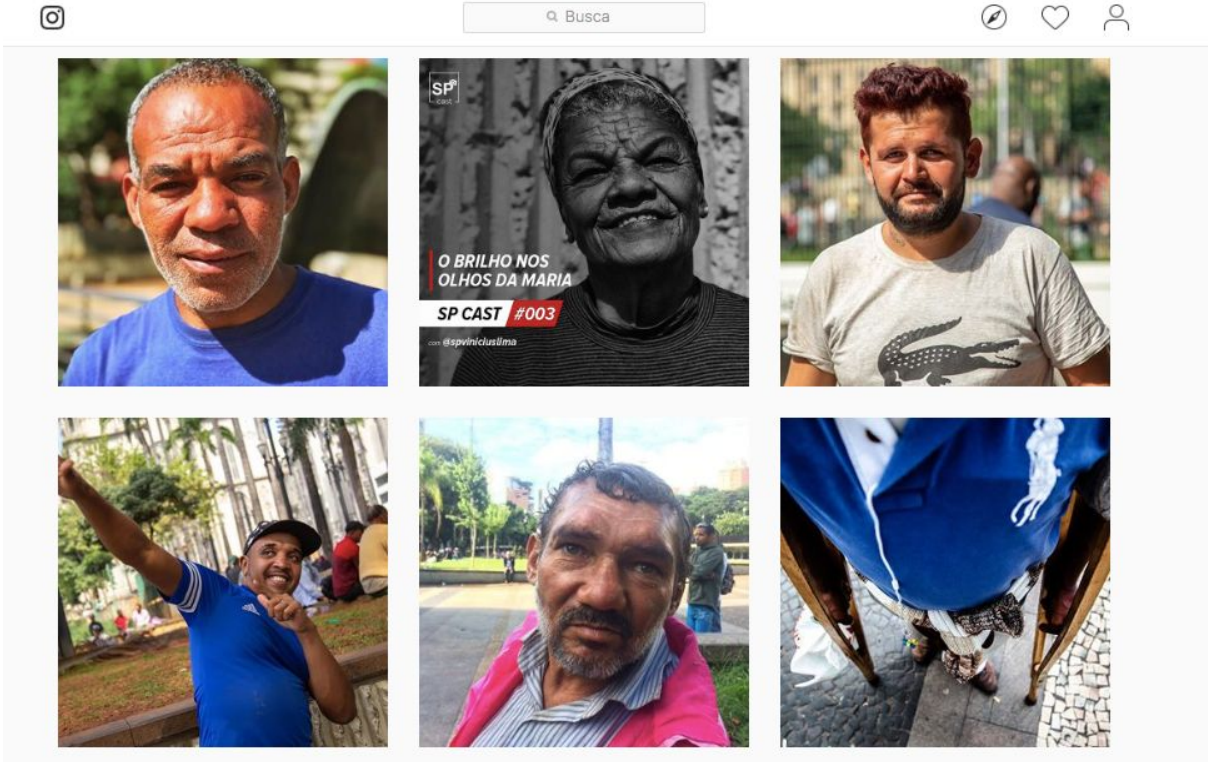
Páscoa 19 Carnaval 19 Lazaro Brumadinho Natal 18 Pascoa 18 SEM FRIO ...

PUBLICAÇÕES IGTV MARCADO

Busca

PUBLICAÇÕES IGTV MARCADO

(continuação - anexo 8)



(continuação - anexo 8)

HUMANS OF NEW YORK

About



BRANDON STANTON

“Humans of New York began as a photography project in 2010. The initial goal was to photograph 10,000 New Yorkers on the street, and create an exhaustive catalogue



BRANDON STANTON

“Humans of New York began as a photography project in 2010. The initial goal was to photograph 10,000 New Yorkers on the street, and create an exhaustive catalogue of the city’s inhabitants.”

“Somewhere along the way, I began to interview my subjects in addition to photographing them. And alongside their portraits, I’d include quotes and short stories from their lives.”

Taken together, these portraits and captions became the subject of a vibrant blog. HONY now has over twenty million followers on social media, and provides a worldwide audience with daily glimpses into the lives of strangers on the streets of New York City.

(continuação - anexo 9)

Anexo 10 - Humans Of New York - Instagram

Instagram

Busca

humansofny

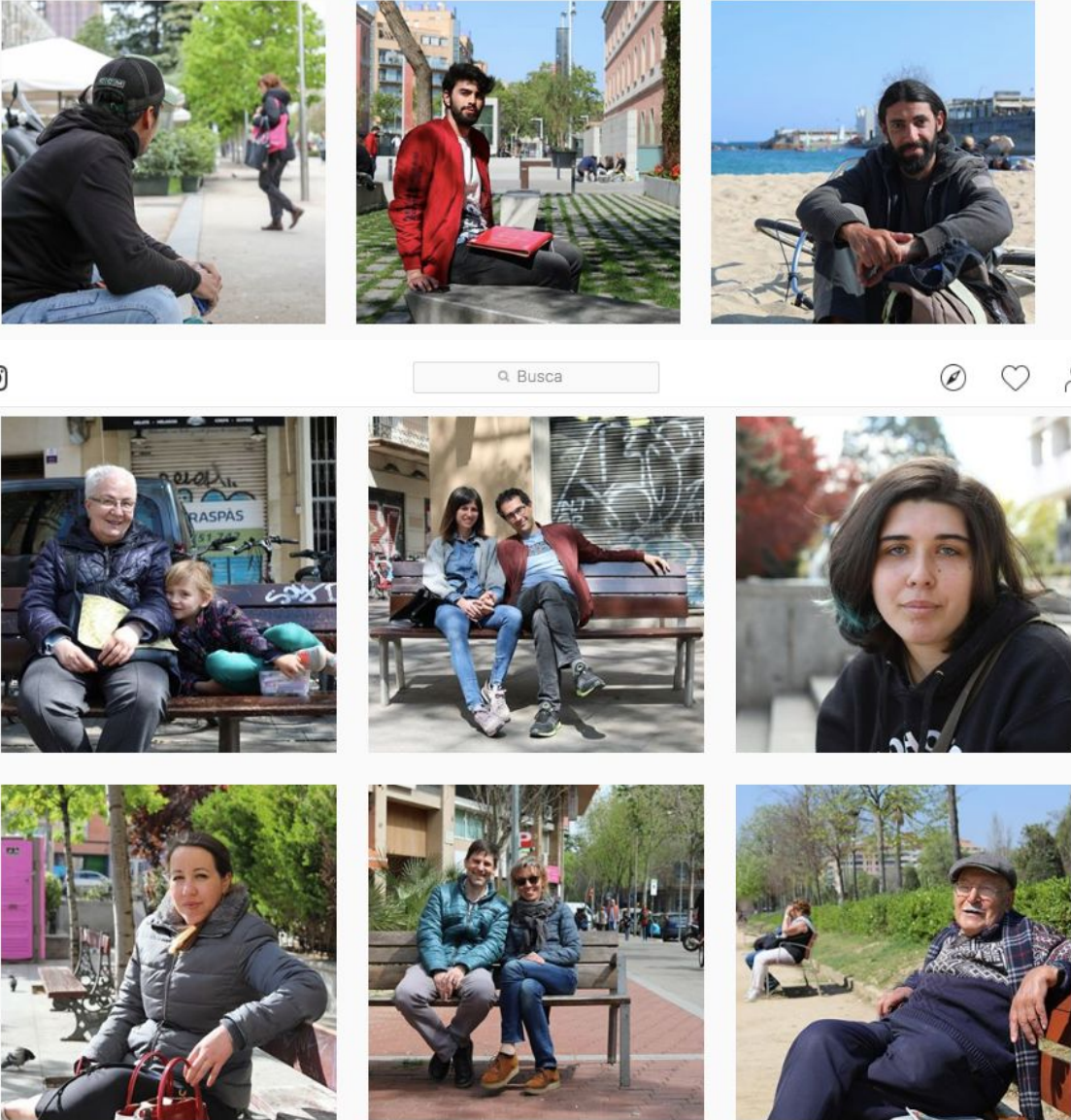
Seguir

4.888 publicações 9,1milhões seguidores 153 seguindo

Humans of New York
New York City, one story at a time. Currently sharing stories from Spain. 🇪🇸
www.patreon.com/humansofnewyork

Seguido por mattbaptistas, renatoroseno, hafafo e outras 36 pessoas

PUBLICAÇÕES



Busca

(continuação - anexo 10)

Anexo 11 - 'Humans of New York' creator turns lens to young cancer patients

METRO

'Humans of New York' creator turns lens to young cancer patients

By [Sophia Rosenbaum](#) May 8, 2016 | 6:42pm



TRENDING NOW ON NYPOST.COM

1. 79,544

Bezos, Sanchez hang in Florida amid reports Saudi prince wants leak probe 'dead'
2. 77,510

Queen Elizabeth uses her handbag to send secret codes
3. 71,154


The shutterbug behind a popular Big Apple-based photo blog is turning his lens toward young cancer patients—to help raise money to find a cure.

Humans of New York creator Brandon Stanton has raised more than \$350,000 for pediatric cancer research in three days, and he's hoping to triple that number.

Instead of shots of everyday New Yorkers, Stanton is now featuring snaps from Memorial Sloan Kettering Cancer Center in Manhattan — including a third grader diagnosed with a rare brain tumor and nurses who work at the medical facility.

“Many children come to MSK when they are out of options, and new options must be invented,” Stanton wrote on Facebook. “The study of rare cancers involves small and relentless teams of researchers. Life-saving breakthroughs are made on very tight budgets. So your donations will make a difference. They may save a life.”

In just 72 hours, more than 10,000 people have donated to the fundraiser — two-thirds of which will go to backing research at the Midtown center.

“The remaining third will be used to psychologically and socially support the young patients and their families as they endure the excruciatingly difficult battle against cancer,” Stanton wrote on the IndieGoGo page.

He started the photo series Thursday on his blog, which now has more than 17.5 million followers, with Dr. Richard O'Reilly, who is the chairman of pediatrics at the center.

“All doctors have patients who sit on our shoulder,” said O' Reilly, who is stepping down after 30 years at MSK. “I remember one patient that had red hair just like my son. And I remember one five-year-old girl who made me laugh, because when I asked her how she was doing, she told me, ‘I don't know. You're the doctor.’”

Stanton then shared a six-part story about one of the center's patients, Gabe.

“Gabe was a perfectly healthy boy. He'd reached all his milestones as a child. He talked early. He walked early,” his mom said. “He never got sick except for colds.”

About two years ago, she started noticing Gabe complaining about a “pins and needles” feeling in his mouth and she decided to go to a few doctors, one of which suggested they do an MRI just to double check that nothing serious was wrong.

(continuação - anexo 11)

Anexo 12 - Jornalistas Livres - Diversidade presente nas ocupações

JORNALISTAS LIVRES MANIFESTAÇÕES DO DIA 26: UMA SUGESTÃO DE INTERPRETAÇÃO ESTÁ TERMINANDO MAIS UM CICLO DA DIREITA VENEZUELANA? CRÔNICA DE 26 DE MAIO

MORADIA POLÍTICA DIREITOS HUMANOS CULTURA EDUCAÇÃO

Diversidade presente nas ocupações

por Michelli Oliveira para os Jornalistas Livres




Foto: Midia NINJA

- ÚLTIMAS NOTÍCIAS**
- 29 MAIO, 2019** Greve geral paralisa transporte, escolas e hospitais na Argentina: é...
- 29 MAIO, 2019** Diário do Bolso: Abaixo o chicomunismo!
- 29 MAIO, 2019** Veja a relação das manifestações no 30 de maio em...
- 29 MAIO, 2019** PLEA BARGAIN à brasileira: a justiça penal negociada do projeto...
- 29 MAIO, 2019** "O Bem vencerá o mal" - a íntegra da troca...
- 28 MAIO, 2019** Intolerância religiosa
- 28 MAIO, 2019** Manifestações do dia 26: uma sugestão de interpretação
- 28 MAIO, 2019** MPT ENTRA COM AÇÕES CONTRA BANCOS POR CRÉDITO A EMPRESAS...
- 28 MAIO, 2019** Está terminando mais um ciclo da direita venezuelana?
- 28 MAIO, 2019** Diário do Bolso: a coisa não fedeu nem cheirou

JORNALISTAS LIVRES MORADIA POLÍTICA DIREITOS HUMANOS CULTURA EDUCAÇÃO

Foto: Midia NINJA

por [Jornalistas Livres](#) 1 julho, 2015

[f](#) [t](#) [e](#)

Sexta-feira, 22 de maio: uma vez mais, acompanhamos o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) em uma ocupação de terra, desta vez em Mauá, cidade região do ABC, na Grande São Paulo. Eram aproximadamente 350 pessoas em busca de seu sonho da casa própria. Cinco ônibus e 12 carros, em comboio, seguiram em direção a um terreno de 300 mil metros quadrados localizado no Jardim Oratório.




Foto: Midia NINJA

No local, a sensação era de alegria e satisfação, ao vermos tantas pessoas lutando por uma moradia digna – mesmo que para isso precisassem dormir dentro de um barraco feito de lona e bambu. Ao andar pelas barracas, encontramos um grupo de LGBT, tod@s felizes às 4 horas da manhã e sob um frio de congelar ossos.

Rakelin Delivery, uma mulher cativante de sorriso aberto, conta que conheceu o movimento no coletivo Dandara, de Hortolândia (SP), cidade próxima a Campinas. Naquele momento, resolveu lutar pela casa própria. Já conseguiu o auxílio

(continuação - anexo 12)



Foto: Felipe Pinna / R.U.A Foto Coletiva
Ela conta que veio da Bahia, morou na casa de amigos, sentia-se reprimida, mas, através do MTST, agora se sente feliz e integrada à sociedade. "Quando você mora de favor, você dorme a hora que o dono da casa quer, come o que querem que você coma. Hoje na minha ocupação tenho minha casinha", diz, quando perguntamos como é ser trans dentro da ocupação?

São cerca de quinze pessoas as assumidas LGBT na ocupação. Elas se colocam como base. Estão lá para ajudar @s companheir@s que lutam por suas casas, para que el@s não desistam. Estão lá para ajudar as meninas a se arrumarem.

Raquilane Rios, cabeleireira, 27 anos, avalia que dentro do movimento não existe nenhum preconceito contra elas. "O movimento abre um leque muito grande de oportunidade de sermos gente".

Nas ocupações do MTST participam muitos travestis, homossexuais, lésbicas e gays "que, por não ter uma moradia digna, precisam morar nas casas de pessoas de favor, precisam pagar cafetinas e diárias, mas o MTST em si têm nos dado essa oportunidade de termos uma moradia digna, uma moradia própria", avalia Raquilane.



ttas://jornalistaslivres.org

(continuação - anexo 12)

JORNALISTAS LIVRES MORADIA POLÍTICA DIREITOS HUMANOS CULTURA EDUCAÇÃO



... dado essa oportunidade de termos uma moradia digna, uma moradia própria”, avalia Raquilane.



Foto: Mídia NINJA



Ela explica que as travestis passam por uma espécie de “preconceito de moradia”. Para alugar uma casa, a dificuldade é enorme: “O dono quer saber da sua vida inteira, da sua ficha de nascimento até morrer. Mas o MTST, não! Nós chegamos eles nos dão nosso espaço, dizem para montarmos o nosso barraco, nos dão um apoio legal, nos ajudam, nos incentivam a ser gente, a entrar na sociedade. Hoje eu sou gente de verdade como qualquer outra pessoa”.

A alegria entre tod@s ali é contagiante. Daniela é drag queen, trabalha como cabeleireira, cresceu dentro da ocupação. Diz que nunca sentiu nenhum tipo de preconceito dentro do movimento e que já teve oportunidade de fazer um evento de drags dentro da ocupação. Mostra fotos suas como mulher. Digo a ela que preciso aprender a me maquiar, afinal sou uma negação.

(continuação - anexo 12)


JORNALISTAS LIVRES MORADIA POLÍTICA DIREITOS HUMANOS CULTURA EDUCAÇÃO

Nisso chega Ana Caroline, 24 anos, sua esposa. “Dentro do acampamento é mais fácil do que na sociedade, eles me aceitam como eu sou, no MTST não tem preconceito nenhum”, diz. Ana faz parte do movimento há mais de 3 anos e já conseguiu sua moradia. Nessa noite, estava acompanhando a família e apoiando os companheiros.

Junt@s estavam construindo um barraco que iria abrigar a tod@s. El@s conversam conosco felizes, posam para nossas fotos entusiasmad@s. É lindo quando nos falam que estão à disposição do movimento, estão lá para lutar, que podem chegar a algum lugar, pois o MTST não @s deixa de lado, e que a sociedade pode não aceitar a sua orientação sexual, mas que precisam aceitá-l@s como gente.

Fiquei mais apaixonada pela luta do MTST, pelo comprometimento com a sociedade. A luta é por uma moradia digna para tod@s, sejam homens, mulheres, lésbicas, homossexuais, trans, crianças, idosos. A diversidade está presente e é aceita nas ocupações como teria de ser em qualquer lugar.

Compartilhe:  Mais

(continuação - anexo 12)

Anexo 13 - Agência Brasil - Transexuais e travestis já podem incluir nome social no título de eleitor

Agência Brasil ★ Especiais Fotos Últimas Notícias f t i Por Q

Direitos Humanos Economia Educação Geral Internacional Justiça Política Saúde

Geral

Transexuais e travestis já podem incluir nome social no título de eleitor

A inclusão deve ser feita até o dia 9 de maio para valer nas eleições

Publicado em 03/04/2018 - 12:04 Por **Andreia Verdélio** - Repórter da Agência Brasil Brasília

Publicação em 03/04/2018 - 12:04 Por Andreia Verdélio - Repórter da Agência Brasil Brasília

A partir de hoje (3), travestis e transexuais podem incluir o nome social no título de eleitor e no caderno de votação das eleições. A inclusão e a atualização da identidade de gênero no cadastro eleitoral devem ser feitas até o dia 9 de maio para valer nas eleições de outubro deste ano.

Quem perder esse prazo só poderá fazer a alteração após as eleições, para os próximos pleitos. O nome social é aquele pelo qual o transexual ou travesti é reconhecido socialmente, diferente do nome civil, que consta na certidão de nascimento. Já a identidade de gênero estabelece com que gênero a pessoa se identifica, masculino ou feminino.

Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a autodeclaração do eleitor é suficiente para a Justiça Eleitoral fazer as atualizações, não sendo necessário apresentar nenhuma declaração oficial.

"Além de garantir a identificação desejada, o nome social visa assegurar tratamento digno ao eleitor. O nome registrado pelo cidadão constará também das folhas de votação e dos terminais dos mesários nas seções eleitorais, de modo a favorecer uma abordagem adequada à individualidade do eleitor", informou o TSE, em nota.

Publicidade



MÚSICA
Clássica
Instrumental
Popular
Infantil

Melhor música e
melhor intérprete
para cada gênero

(continuação - anexo 13)

CAUSA MORTIS

A causa mortis dos assassinatos de LGBT+ registrados em 2017 reflete a mesma tendência dos anos anteriores, predominando o uso de armas de fogo (30,8%), seguida por armas brancas perfuro-cortantes (25,2%).

37% das mortes ocorreram dentro da própria **residência**, 56% em vias públicas e 6% em estabelecimentos privados. Via de regra, travestis profissionais do sexo são executadas na "pista" com tiros de revólver, pistola e escopeta, mas também vítimas de espancamento, pauladas e pedradas. Os gays são geralmente executados a facadas ou asfixiados dentro de suas residências, lançando mão o assassino de fios elétricos para imobilizar a vítima, almofadas para sufocar e de objetos domésticos para tirar-lhes a vida. Outras formas de execução com requintes de crueldade tipificam tais execuções como crimes de ódio: enforcamento, pauladas, apedrejamento, garrafadas, muitos golpes, múltiplas formas de tortura, degolamento, desfiguração do rosto, queima do corpo.

Anexo 15 - Mortes Violentas De LGBT+ no Brasil - Relatório 2018

Quanto ao locus onde ocorreu o óbito, encontramos 179 (49,4%) em vias públicas, 155 (42,8%) em residências e 28 (7,7%) em estabelecimentos privados. Via de regra travestis profissionais do sexo são executadas na "pista" com tiros de revólver, pistola e escopeta, mas também vítimas de espancamento, atropelamento criminoso, pauladas e pedradas. Os gays são geralmente executados a facadas ou asfixiados e esgoelados dentro de suas residências, lançando mão o assassino de fios elétricos e lençóis para imobilizar a vítima, almofadas para sufocar e de objetos domésticos para tirar-lhes a vida. Outras formas de execução com requintes de crueldade tipificam tais execuções como crimes de ódio: enforcamento, pauladas, apedrejamento, garrafadas, muitos golpes, múltiplas formas de tortura, degolamento, desfiguração do rosto, queima do corpo. As vezes o homicida deixa por escrito seu ódio anti-lgbt.

Anexo 16 - Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da Prefeitura de São Paulo

2.2 LGBT

A partir dos dados da pesquisa amostral, estima-se, com 95% de confiança, que entre 5,3% e 8,9% da população em situação de rua pertençam à comunidade LGBT; nos centros de acolhida estima-se entre 4,5% e 10,1% e nas ruas, entre 5,4% e 9,0%. Na amostra, apenas 106 pessoas se identificaram como não sendo heterossexual (51 entre os acolhidos e 55 na rua). Esse pequeno número proíbe uma análise mais profunda e conclusiva desse grupo. Apesar disso, foi feita uma tentativa de caracterizar essas pessoas, comparando o seu perfil com o perfil daqueles que se declaram heterossexuais. Tal comparação deve ser tratada com cuidado, e as conclusões aqui elencadas devem ser vistas como a identificação de indícios que precisam e podem ser confirmados em pesquisas específicas com esse grupo de pessoas. Nesses termos, destacaremos variáveis que parecem ter um comportamento diferente ao se comparar a população LGTB com a heterossexual.

APÊNDICE

Apêndice A - O roteiro da entrevista semiestruturada

Perguntas centrais:

1. Pessoal

- a. Qual seu nome?
- b. Qual a sua idade?
- c. Como você se identifica?
Ex: Homem Trans, Mulher Cis, Mulher Trans, Homem Cis, Não-binária, Intersex, Travesti etc
- d. Qual sua orientação sexual?
- e. Exerce alguma profissão no momento?
- f. É natural de que Estado/Cidade?

2. Sobre ser LGBTs

- a. Como é sua relação com família e amigos?
- b. Como se deu seu processo de aceitação?
- c. Como saiu de casa?
- d. Tem alguma referência que a/o ajudou nesse processo de aceitação?

3. Relação com o movimento?

- a. Como é a sua relação com o MTST e quando surgiu?
- b. Sente algum preconceito por ser LGBT no MTST?
- c. Como é a questão de LGBTs no movimento?

Apêndice B - Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA

Eu,

_____ (nome), _____
____ (nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), portador (a)
da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito (a) no CPF sob
nº _____, autorizo de forma gratuita e sem qualquer ônus a utilização da minha
imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa
intitulado Do armário à lona preta: A memória de LGBTs dentro do Movimento dos
Trabalhadores Sem Teto, sob responsabilidade do pesquisador Matheus Gomes Oliveira de

Carvalho vinculado a Graduação em Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades: fotos, vídeos, entre outros, em todos os meios de divulgação possíveis, quer sejam na mídia impressa (livro, catálogo, revista, jornal, entre outros), televisiva (propagandas para televisão aberta e/ou fechada, vídeos, filmes, entre outros), radiofônica (programas de rádio/podcasts), escrita e falada, internet, Banco de dados informatizados, multimídia, DVD, entre outros, na forma de impresso, voz e imagem.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins acima citados, e nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Nome e Assinatura do
pesquisador

Apêndice C - Identidade Visual do Monas da Lona Preta

logo & versões



assinatura preferencial



Apêndice D - Postagens do Instagram



Apêndice E - Site

Home do site



Sobre o projeto

Para as LGBTQs, a existência é um ato político. A descoberta da sexualidade e identidade de gênero perpassam a vida de todas e todos nós, no país que mais mata LGBTQs no mundo.

Além de existir, a relação com a casa, a família, preconceito de moradia e o sonho da casa própria muitas vezes são desafios para quem se encontra embaixo do arco-íris. E Monas da Lona Preta é sobre tudo isso.

O projeto Monas da Lona Preta veio contar as histórias de LGBTQs que lutam por moradia.

Viva as LGBTQs Sem Medo!

Do armário à lona preta

Conheça as histórias de pessoas LGBTQs que vivem ou já viveram embaixo da lona preta.



Bianca



Paulinho



Mel



Francisco



Sandro

Monas no insta

Siga o nosso projeto no insta. Lá vamos continuar contando novas histórias e dados sobre a vida da comunidade LGBT dentro do Movimento do Trabalhadores Sem Teto



Aba de um dos entrevistados

Close

